

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE
MESTRADO PROFISSIONAL

Conexões Sensíveis: Narrativas de famílias ouvintes com filhos(as)
surdos(as) e os desafios no ensino e na saúde

MELISSA LEAL DOS SANTOS

Porto Alegre

2024

Melissa Leal dos Santos

**Conexões Sensíveis: Narrativas de famílias ouvintes com filhos(as)
surdos(as) e os desafios no ensino e na saúde**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Saúde.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira

Porto Alegre

2024

Catálogo na Publicação

Leal dos Santos, Melissa

Conexões Sensíveis : Narrativas de famílias ouvintes com filhos(as) surdos(as) e os desafios no ensino e na saúde / Melissa Leal dos Santos. -- 2024.

71 p. : 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, 2024.

Orientador(a): Prof^a. Dr^a. Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira.

1. Comunicação. 2. Surdez. 3. Libras. 4. Ensino. 5. Saúde. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

Folha de Aprovação
Melissa Leal dos Santos

**Conexões Sensíveis: Narrativas de famílias ouvintes com filhos(as)
surdos(as) e os desafios no ensino e na saúde**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Saúde.

Data da Aprovação:

Banca Examinadora

Dra. Lucila Ludmila Paula Gutierrez (UFCSPA)

Dra. Deisi Cristina Gollo Marques Vidor (UFCSPA)

Dra. Thais Schmitz (UNISINOS)

Dedico este trabalho Àquele que é a fonte de toda sabedoria e fortaleza, a Deus, que guiou cada passo deste caminho acadêmico. Sua graça foi a luz que iluminou os momentos desafiadores e alicerçou as conquistas.

À minha amada família, cujo apoio inabalável, amor, compreensão e encorajamento foram o combustível que impulsionou meu compromisso com o conhecimento e a excelência.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão às pessoas e instituições que foram fundamentais para a realização deste trabalho. Cada contribuição foi valiosa e deixou uma marca indelével na minha jornada acadêmica.

Primeiramente, quero agradecer a comunidade surda, amigos, alunos e colegas de trabalho, que encontrei ao longo da minha prática profissional. Suas trocas de experiências e insights foram enriquecedores, proporcionando um ambiente colaborativo e estimulante para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Professora Dra. Luíza Maria de O. B. Silveira, minha orientadora, minha mais sincera gratidão. Seu apoio, orientação e dedicação foram essenciais para modelar este trabalho. Sua expertise e paixão pelo conhecimento foram inspiradoras e moldaram significativamente meu percurso acadêmico.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos, que gentilmente abriu suas portas para a realização desta pesquisa. A permissão e o suporte fornecidos foram fundamentais, permitindo que este estudo se desenvolvesse de maneira aprofundada e significativa.

Agradeço também aos alunos surdos da EMEFBS (Escola Municipal de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos) e suas famílias ouvintes, que generosamente participaram da pesquisa e compartilharam suas experiências. Sua contribuição não apenas enriqueceu este trabalho, mas também promoveu um entendimento mais profundo das dinâmicas envolvidas na comunidade surda.

Agradeço a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para este processo. Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e colaboração de cada um de vocês.

RESUMO

O IBGE registra grande crescimento da comunidade surda, que hoje representa aproximadamente cinco por cento da população brasileira (mais de dez milhões de pessoas). Muitas dessas famílias não conhecem a língua brasileira de sinais nem a identificam como a língua materna do surdo, gerando barreiras comunicacionais, linguísticas e culturais nas relações familiares e no acesso à saúde. As práticas em saúde para surdos pautadas exclusivamente no modelo biológico podem negligenciar aspectos identitários, culturais e linguísticos essenciais para uma abordagem inclusiva. Por isso, este estudo objetiva compreender a comunicação na vida cotidiana entre famílias ouvintes com o(a) filho(a) surdo(a) e a interdependência com a abordagem terapêutica e o envolvimento família-escola, experienciada nos serviços de saúde. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Foram entrevistados dez adultos ouvintes responsáveis de crianças surdas (oito famílias), em idade escolar, a respeito de como ocorre e como é construída a comunicação no cotidiano dessas famílias, assim como a interdependência da abordagem terapêutica nos serviços de saúde. Além das entrevistas, os responsáveis preencheram ao checklist da rotina compartilhada família-escola e a ficha de dados sociodemográficos. As entrevistas foram transcritas e analisadas sob a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin, que geraram cinco categorias: 1) Descoberta ou conhecimento sobre a surdez do(a) filho(a), 2) Experiência de ter um(a) filho(a) surdo(a), 3) Construção da comunicação entre família ouvinte e filho(a) surdo(a), 4) Motivação para aprender Libras e a escola bilíngue para surdos e 5) Comunicação e interdependência nos espaços de saúde. O aprendizado da Libras pelas famílias para se comunicarem com os sujeitos surdos contribuiu para criar um ambiente linguístico inclusivo e enriquecedor em casa. Os filhos surdos desenvolvem proficiência na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na língua portuguesa escrita, além de utilizar tecnologias digitais e comunicação alternativa para melhorar a interação comunicativa. O estudo ressalta a promoção do aprendizado da língua de sinais e destaca o protagonismo da família durante o processo de aquisição linguística. A respeito da análise do checklist, identificou-se que as famílias ouvintes apresentam uma participação restrita nos eventos socioculturais escolares, revelando falta de familiaridade com a instituição, ausência de acompanhamento do desenvolvimento da língua de sinais e enfrentando desafios na comunicação. Em face a tais resultados, construiu-se como produto educativo um objeto de aprendizagem no formato de e-book a ser distribuído de forma digital, para auxiliar na comunicação e aprendizagem da língua de sinais, inserindo as dificuldades identificadas neste estudo, especialmente sobre a interdependência da pessoa surda nos ambientes de saúde e possibilidade de acesso às

informações através de Centros de Interpretação da Língua de Sinais existentes em alguns municípios.

Palavras chaves: Comunicação; Surdez; LIBRAS; Ensino; Saúde

ABSTRACT

The Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) reports a significant growth of the deaf community, which now represents approximately five percent of the Brazilian population (over ten million people). Many of these families are not familiar with Brazilian Sign Language (LIBRAS) and do not identify it as the deaf person's mother tongue, creating communication, linguistic, and cultural barriers in family relationships and access to healthcare. Health practices for the deaf that are exclusively based on the biomedical model may overlook essential identity, cultural, and linguistic aspects for an inclusive approach. Therefore, this study aims to understand communication in the daily lives of hearing families with deaf children and its interdependence with therapeutic approaches and family-school involvement experienced in healthcare services. This is a qualitative, exploratory, and descriptive research. Ten hearing adults responsible for deaf children (eight families) of school age were interviewed about how communication occurs and is constructed in the daily lives of these families, as well as the interdependence of therapeutic approaches in healthcare services. In addition to the interviews, the participants completed a checklist of the shared family-school routine and a sociodemographic data form. The interviews were transcribed and analyzed using Bardin's content analysis perspective, which generated five categories: 1) Discovery or knowledge about the deafness of the child, 2) Experience of having a deaf child, 3) Construction of communication between hearing family and deaf child, 4) Motivation to learn LIBRAS and bilingual education for the deaf, and 5) Communication and interdependence in healthcare settings. The learning of LIBRAS by families to communicate with deaf individuals contributed to creating an inclusive and enriching linguistic environment at home. Deaf children develop proficiency in Brazilian Sign Language (LIBRAS) and written Portuguese, as well as using digital technologies and alternative communication to improve communicative interaction. The study emphasizes the promotion of sign language learning and highlights the role of the family in the process of language acquisition. Regarding the analysis of the checklist, it was identified that hearing families have limited participation in socio-cultural school events, revealing unfamiliarity with the institution, lack of monitoring of sign language development, and facing communication challenges. In light of these results, an educational product in the form of a digital e-book was created to assist in communication and sign language learning, incorporating the difficulties identified in this study, especially regarding the interdependence of deaf individuals in healthcare environments and the possibility of accessing information through Sign Language Interpretation Centers existing in some municipalities.

Keywords: Communication; Deafness; LIBRAS; Interdependence; Therapeutic Approach.

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

Libras – Língua Brasileira de Sinais

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFCSPA - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 JUSTIFICATIVA.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
3.1 O Sujeito Surdo: A Língua e seus impasses.....	14
3.2 Surdez e as Relações Parentais.....	17
3.3 Surdez e a Importância da Escola Bilíngue (Língua Portuguesa e LIBRAS) para as Relações Família, Escola e Estudante	19
3.4 A Surdez e as Principais Abordagens Terapêuticas na Saúde.....	21
4 PROBLEMA DA PESQUISA.....	23
4.1 Objetivo Geral.....	23
4.2 Objetivos Específico.....	23
5 METODOLOGIA.....	24
5.1 Delineamento.....	24
5.2 Participantes.....	24
5.3 Instrumentos.....	24
5.4 Procedimentos de Geração de Dados.....	25
5.5 Procedimentos de análise de dados.....	25
5.6 Aspectos Éticos.....	28
6. RESULTADOS.....	28
6.1 Resultados sobre a rotina compartilhada e o envolvimento entre família-escola.....	30
6.2 Entrevistas.....	36
7 DISCUSSÃO.....	43
8 CONCLUSÃO.....	44
9 PRODUTO EDUCACIONAL.....	47
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50
10 ANEXO 1 – Checklist da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável).....	55
11 APÊNDICE 1 – Questionário sociodemográfico.....	58
12 APÊNDICE 2 – Roteiro da Entrevista.....	60
13 APÊNDICE 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	61
14 PRODUTO EDUCACIONAL.....	63

INTRODUÇÃO

A capacidade de nos comunicarmos está em nós desde que nascemos. O bebê ouvinte, filho de pais ouvintes, recebendo informações linguísticas por meio da audição, adquire naturalmente a língua que ouve. Já naqueles onde essa condição de ouvinte não está em amplo potencial, esse processo não se dá de forma espontânea.

A constatação da surdez em uma criança geralmente apresenta-se como algo surpreendente ou ainda uma importante mudança para a família, tornando-se fonte de conflitos com repercussões em todo o grupo familiar, em especial no tocante às dificuldades de comunicação. A dinâmica familiar se altera e é um momento de luto para as famílias, pois a surdez representa a morte de um(a) filho(a) perfeito, um projeto de vida idealizado (BITTENCOURT; HOEHNE, 2009), ainda que essas vivências sejam distantes dos projetos reais.

No caso de crianças surdas filhas de pais surdos, a língua de sinais é considerada a língua materna, uma vez que o seu processo de aquisição ocorre quando as pessoas em volta do bebê surdo utilizam a linguagem de sinais. Como esta linguagem é visual e o bebê não tem acesso à língua oral, a língua de sinais se torna a primeira língua das crianças surdas (ALEIXO, 2019; DIZEU; CAPORALI, 2005). No que concerne às crianças surdas filhas de pais ouvintes, é possível observar que em sua infância elas não adquirem a língua oral, porque são surdas, e não desenvolvem a língua de sinais, porque os pais, por desconhecerem sua condição de surdez ou não, na maioria das vezes, só utilizam a língua oral. Assim, grande parte dos surdos filhos de pais ouvintes adquire a língua de sinais nas escolas de surdos, com a professora, com os colegas e com os surdos mais velhos com fluência na língua de sinais. Neste contexto, frequentemente crianças surdas apresentam atraso na aquisição das línguas seja Libras, seja língua portuguesa na modalidade escrita) o que não é decorrente de alterações na área da linguagem e cognição, mas devido à falta de exposição precoce a uma língua que possibilite acesso completo das informações linguísticas, por meio da visão, como uma língua de sinais. A exposição precoce a uma língua, por crianças surdas e ouvintes, significa um período de muita aprendizagem sobre essa, uma vez que o desenvolvimento inicial na linguagem está mais voltado para as habilidades de recepção do que para as de produção.

Em razão do exposto, este estudo pretende compreender como se construiu a comunicação estabelecida entre a família ouvinte e seu(ua) filho(a) surdo(a), abordagem terapêutica e o envolvimento família-escola suas experiências nos serviços de saúde, bem como descrever como acontece a comunicação no dia-a-dia.

2 JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Como professora há mais de vinte anos no atendimento de discentes surdos, a autora tem observado diferentes caminhos no percurso das famílias ouvintes para a construção de acessos e formas de comunicarem-se com os(as) filhos (as) surdos(as). A prática de atendimento aos alunos que frequentam o espaço da sala de recursos da escola especial para surdos tem permitido observar que o ambiente escolar revela histórias de filhos surdos com famílias ouvintes os quais, ao chegarem às escolas, apresentam dificuldade na comunicação e na aquisição das línguas Libras (L1) e Língua portuguesa (L2). Algumas famílias demoram a aceitar a surdez, e, por isso, é comum encontrar estas crianças nas escolas regulares com a proposta de inclusão porque acreditam que seus filhos(as) desenvolverão a fala através do convívio com crianças ouvintes. No entanto, isso não acontece e percebe-se que estes alunos não se encontram com os seus pares e logo apresentam defasagem na aprendizagem por não compreenderem a língua portuguesa, por não haver a comunicação e por, muitas vezes, serem deixados de lado nas brincadeiras e nas atividades em grupo durante a aula.

As crianças, muitas vezes, na realidade em foco, não desenvolvem nem a língua de sinais (L1) e nem a língua portuguesa (L2) de forma satisfatória nos primeiros anos escolares. De forma contrária, os(as) filhos(as) ouvintes de pais surdos, têm a oportunidade de desenvolver a aquisição da língua nas duas modalidades de aquisição do idioma, chegando à idade escolar quase bilíngue.

Nesse âmbito, estudos sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas evidenciam a importância de se garantir a exposição a Libras desde o mais cedo possível, possibilitando, assim, a aquisição de uma língua. Uma vez adquirida a língua de sinais, esta terá um papel fundamental na constituição da língua portuguesa, que será adquirido como segunda língua, preferencialmente na modalidade escrita por essa não depender da audição. Por isso, esse projeto de pesquisa envolverá relatos das múltiplas realidades de distintas famílias em suas vivências na comunicação com os(as) filhos(as) surdos(as). Espera-se, com a análise destas informações, reunir elementos para embasar a criação de um produto bilíngue que agregue instrução e alternativas que auxiliem na superação de desafios encontrados e a aquisição da língua de sinais por todos os envolvidos, principalmente profissionais de saúde.

Sabe-se que o atendimento em saúde destas famílias e a rotina destes grupos podem ser constantes, necessitando de atendimentos multiprofissionais, mas as características e vivências distintas estão relacionadas ao ambiente em que vivem, a escolarização, idade entre outros aspectos, revelando a necessidade de aprofundamento sobre o tema proposto. Com isso

pretende-se pesquisar sobre comunicação parental através de narrativas das famílias e de identificar possibilidades de contribuição para a realidade apresentada. Por essas razões, este estudo justifica-se por buscar responder: como se construiu a comunicação estabelecida entre a família ouvinte e seu filho(a) surdo(a) e a interdependência dessa com a abordagem terapêutica e o envolvimento família-escola, experienciada por eles nos serviços de saúde?

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O SUJEITO SURDO: A(s) LÍNGUA(s) E SEUS IMPASSES

Nesta pesquisa, adota-se o conceito de surdez conforme o segundo artigo do Decreto 5626/05 “(...) considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais Libras.” O documento regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2002).

Portanto, a concepção de surdez, e de deficiência, não é impedimento ou obstáculo para o desenvolvimento das crianças surdas, pois além da língua portuguesa, essas crianças podem desenvolver o conhecimento da língua de sinais através das orientações médicas, visão clínica terapêutica e antropológica pela qual o sujeito surdo, uma vez que é visto como uma pessoa capaz de desenvolver suas habilidades e comunicação. Nas últimas décadas, os discursos sobre a surdez têm se ampliado para além de interpretações clínicas. Inspirados em bases antropológicas e culturais, a comunidade surda e alguns profissionais de saúde narram a surdez como uma diferença cultural (RAMOS; HAYASHI, 2019). Esta é uma concepção contemporânea da surdez, defendida especialmente por linguistas, psicólogos, psiquiatras, pedagogos, professores e fonoaudiólogos.

Inicialmente, é importante diferenciar os conceitos de língua e linguagem. Sabe-se que signos como gráficos, sonoros, gestuais entre outros, podem despertar ideias e favorecer a comunicação, o que chamamos de linguagem, quando todo esse sistema tem o propósito de transmitir sentimentos ou ações. Tal linguagem é percebida pelos órgãos dos sentidos e pode se distinguir em vários tipos, como por exemplo, a linguagem visual, a linguagem auditiva, a linguagem tátil, etc. A linguagem propriamente dita pertence ao homem. A aquisição da linguagem é tarefa complexa em virtude da natureza das línguas naturais. Toda língua é um sistema constituído de diferentes unidades - morfemas, sílabas, palavras, frases – cujo funcionamento é governado por regras ou restrições (LAMPRECHT, 2004).

Nesse âmbito, estudos sobre a aquisição da linguagem por crianças surdas evidenciam a importância de se garantir a exposição a Libras desde o mais cedo possível, possibilitando, assim, a aquisição de uma língua. Uma vez adquirida a língua de sinais, esta terá um papel fundamental na constituição do português, que será adquirido como segunda língua, preferencialmente na modalidade escrita por essa não depender da audição. Muitas pesquisas ainda mostram que crianças que são expostas à língua de sinais na escola, na interação com adultos surdos, usuários dessa língua, crianças surdas filhas de pais ouvintes, apresentam um processo semelhante ao observado em crianças surdas, filhas de pais surdos, ou seja, uma aquisição natural e adequada (PEREIRA, 2015).

A Libras foi criada e desenvolvida por surdos do Brasil para a comunicação entre eles e existe há tanto tempo quanto a existência das comunidades de surdos. A maior divulgação da língua de sinais no Brasil começou quando foi fundado o Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES) em 1857 na cidade do Rio de Janeiro chamada, então, de *mímica* (FREIRE, 1999). Sendo o INES a primeira escola para surdos por muitos anos; funcionando em regime de internato, recebia alunos de todas as regiões do Brasil, os quais, ao voltarem para suas cidades, nas férias, difundiam essa língua por todo país. Assim, a Libras difere da língua de sinais de Portugal. Como havia professor que dominava a Língua de Sinais Francesa no instituto, na sua fundação, a Libras hoje traz um pouco das características desta língua de sinais francesa e difere da língua de sinais de Portugal, embora os dois países, Brasil e Portugal tenham historicamente dividido a mesma língua oral (FREIRE, 1999).

O professor francês Ernest Huet (surdo) veio para o Brasil, a convite de D. Pedro II, para fundar a primeira escola para meninos surdos de nosso país (INES), mantida pelo governo, e que atendia, em seu Colégio de Aplicação, crianças, jovens e adultos surdos, de ambos os sexos. A partir de então, os surdos brasileiros passaram a contar com uma escola especializada para sua aquisição linguística, educação e tiveram a oportunidade de criar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) (DE FARIAS, 2019).

Vale lembrar, um marco nas lutas e retrocessos da comunidade surda quando ocorreram muitas discussões em relação a comunicação de surdos. Foi em 1880, no Congresso Mundial de Professores de Surdos (Milão - Itália), chegou-se à conclusão de que todos os surdos deveriam ser ensinados a desenvolverem a oralidade pelo Método Oral Puro (ROCHA; FERREIRA, 2019).

Então, a partir desse evento, ocorreram muitas mudanças. Entre elas, o método combinado que utilizava tanto sinais como o treinamento em língua oral foi substituído em muitas escolas pelo método oral puro, o oralismo. Muitas pessoas acreditavam que a única forma possível

para que as crianças surdas se integrassem ao mundo dos ouvintes seria falar e ler os lábios. Como proibição, era comum a prática de amarrar as mãos das crianças para impedi-las de fazer sinais (FREIRE, 1999). A história registra momentos que marcaram a luta da comunidade surda. Depois do oralismo puro, a sociedade ouvintista decide por Comunicação Total, outro método que consiste em falar e sinalizar ao mesmo tempo. Já que se tratavam de duas línguas distintas, língua visual e língua oral, era quase impossível a realização das duas simultaneamente. Com o intenso movimento das pessoas surdas, embora existissem várias tentativas de extinguir a Libras, essa continuou sendo a língua preferida da comunidade surda. Os surdos, quando viram que o uso de sinais estava proibido, reconhecem e passam a considerar a Libras como sua língua natural, já que reflete valores culturais e guarda suas tradições e heranças vivas. Fazer o uso da Libras reflete-se, portanto, num elemento da identidade surda.

Mais recentemente, com os avanços na divulgação sobre Libras, recomenda-se o acesso da criança, o mais precocemente possível, a duas línguas: à língua de sinais e à língua oral de seu País (CAPPELLINI; DOS SANTOS, 2020). É o que preconiza a Lei nº 10.436 (BENASSI, 2014; Brasil, 2002) onde reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão, bem como outros recursos de expressão a elas associados. A partir desta data a Libras passou a ser reconhecida legalmente como um meio de comunicação e expressão, não apenas como uma mímica ou gestos feitos pelos surdos para se comunicar entre eles, como muitas pessoas acreditam. Logo, é um sistema linguístico com estrutura gramatical distinta para transmitir ideias e fatos, originado nas comunidades surdas e que está amplamente divulgado nos últimos anos por meio de plataformas digitais, televisão e mídias em geral. (BENASSI, 2014).

Enquanto o ouvinte aprende por meio de sons, o aluno surdo necessita explorar a memória visual constantemente para decodificar os grafemas sem a sonoridade, na qual é essencial para o ouvinte. Porque a criança ouvinte escuta, por exemplo, a palavra casa e busca seu significado, conseguindo visualizar mentalmente a representação através da imagem. Em Libras faz-se o sinal de casa, a criança consegue também visualizar a representação deste objeto, pois está dentro do contexto, porém na Língua Portuguesa escrita, a criança surda recebe a grafia da palavra casa e não consegue relacioná-la com as imagens de seu contexto. Logo, as palavras não fazem sentido e as crianças não conseguem acionar seu repertório de imagens e memorizar a sequência de letras que compõem a palavra. Mas ao mostrar o sinal de casa ela automaticamente fará a ligação entre o sinal e o objeto de estudo.

A esse respeito, evidencia-se que a pessoa surda tem o pensamento baseado em sua língua de natureza espaço-visual, fundamentado na iconicidade, ou seja, compreende e interpreta situações de conversas formando um diagrama e as relações entre correspondências do que é dito

ou escrito por metáforas ou língua oral a fim de associar e produzir uma agregação dos elementos que formam imagens em seu cérebro (DIZEU; CAPORALI, 2005). Não apenas isso, mas quando comparado à língua oral e auditiva, pode-se distinguir a diferença entre surdos e ouvintes com referência aos processos cognitivos para representação e construção de significados, isto é, para a comunidade surda a Libras oportuniza uma representação mental, complexa e mais refinada por ser sua primeira língua na modalidade espaço-visual (PIMENTA; FAVERO, 2005).

Por isso, os objetivos e caminhos reflexivos, sobre a área da fala dos sujeitos ouvintes, vale descrever de forma sucinta como as crianças vão criando estratégias auditivas e visuais para a construção da língua oral, auditiva e escrita. Sabe-se que desde a tenra idade a criança é estimulada pela família, através da conversação, mas se esta é surda não recebe tais estímulos auditivos e assim cresce, chega à escola e começa sua aprendizagem com atrasos significativos porque a maioria dos surdos são filhos de pais ouvintes e por isso tem o contato com a língua materna tardiamente (DA SILVA VARGAS; MOSER, 2020).

3.2 SURDEZ E RELAÇÕES PARENTAIS

A família representa o primeiro núcleo de vínculos afetivos, sociais e interações comunicativas com o qual o sujeito surdo mantém relações que influenciam diretamente seu desenvolvimento linguístico e subjetividade (CAPPELLINI, 2019). É no ambiente doméstico, que acontecem os processos para a aquisição de uma língua, constituídos de significados e sentidos, pela função mediadora entre as relações humanas, pelo convívio entre os sujeitos, que superam a intersubjetividades, por onde os indivíduos passam por mudanças fundamentais de comportamentos, como sua própria linguagem, biologia, possibilitando o desenvolvimento do pensamento por meio da internalização das trocas dialógicas (CAPPELLINI; DOS SANTOS, 2020) (KELMAN; SILVA; DE AMORIM; MONTEIRO *et al.*, 2011).

Sem a aquisição real de uma língua em seu espaço diário, os processos identificatórios e culturais apresentaram defasagem na construção dos saberes e nas relações. A sociedade possui uma língua oral, auditiva e imperativa na qual os sujeitos que a utilizam possuem liberdade de expressão em seus meios de comunicação. Todavia, outras línguas como a de sinais são consideradas minoritárias, impossíveis de serem comparadas com as línguas orais e algumas famílias têm a concepção, e orientação do sistema de saúde, para as considerar apenas como uma alternativa para a comunicação, daqueles que não conseguiram desenvolver a língua oral, não reconhecendo o status da Língua Brasileira de Sinais como a primeira língua do surdo e sua efetiva comunicação (DIZEU; CAPORALI, 2005).

Brito e Dessen (1999) realizaram uma investigação com uma família composta por pais ouvintes de uma criança surda de quatro anos que investigou sobre as interações e relações desenvolvidas entre a história da criança, seu relacionamento com os genitores, parentes, companheiros, professora, da mesma maneira que o tipo de comunicação, a estrutura de participação familiar, a qualidade das interações, as atividades realizadas na escola e o comportamento durante a conversação. Nesse estudo, evidenciou-se que a oralidade é a principal fonte de comunicação no ambiente familiar e que a criança repetidas vezes inicia o diálogo e as interações baseadas em assistir televisão, sem brincar e sem supervisão e ausência de reciprocidade. Decerto, as relações familiares desempenham um papel importante para o processo de adaptação do indivíduo surdo ao mundo. Este processo é contínuo ao longo da vida e tem como objetivos facilitar as trocas comunicativas entre todos os envolvidos, como adequação mútua em conversações do dia-a-dia, troca de olhares, uso de gestos e expressões para a compreensão. Estes são alguns dos elementos que contribuem e podem estabelecer uma comunicação satisfatória (BRITO; DESSEN, 1999).

A respeito da importância das relações parentais, outro estudo realizado entre facetas no cotidiano comunicativo também apontou que o vínculo entre os pais, mães e adultos responsáveis por crianças surdas diminui à medida que elas vão crescendo devido às dificuldades de comunicação. Assim, percebe-se que o adulto tem o papel principal em estabelecer momentos de diálogos entre ambos, na promoção do bem-estar, investindo nos direitos instituídos na legislação para a inclusão e aquisição da língua de sinais desde bebês com estimulação precoce. Consegue, assim, oportunizar melhor preparo aos seus filhos (as) e sendo participantes ativos no desenvolvimento físico, mental e cognitivo. Para isso, os autores sinalizam nesse estudo que é importante romper as barreiras comunicacionais que, muitas vezes, impedem o vínculo, trazendo consequências de ordem afetiva e cognitiva (KELMAN; SILVA; DE AMORIM; MONTEIRO *et al.*, 2011).

Para Bittencourt e Hoehne (2019), a surdez passa a ser vista como diferença e não mais como deficiências, desde os anos noventa no Brasil. Não só isso, mas vislumbra um novo olhar interdisciplinar para o surdo em suas conquistas ao longo dos anos em lutas por igualdade, espaço, comunicação, respeito, reconhecimento político, mesmo passando a constituir uma minoria linguística e cultural.

Dito isso, a comunicação vai além das relações familiares e nesta perspectiva, de conquistas e fluência em sua língua própria, os sujeitos surdos na fase da adolescência e adulta reconhecem a família como ouvinte e a interlocutora para intermediar e “interpretar” as conversas na sociedade como um todo e, principalmente, entre profissionais de saúde e usuários surdos.

Todavia, esta estratégia tem se mostrado ineficiente, como confirmou o estudo de Oliveira, Celino e Costa (2015). Ao investigarem as experiências de onze sujeitos surdos entrevistados sobre percepção e comunicação nos espaços da saúde, observou-se que quatro famílias não sabiam Libras nem sinais básicos. Outros sete entrevistados, possuem familiares fluentes na língua e os acompanham em consultas médicas, atendimentos aos exames e ambientes hospitalares. O estudo ainda demonstra que esta presença na função de acompanhante e interlocutor, muitas vezes não é suficiente para um atendimento de qualidade, visto que os surdos se mostram sujeitos passivos no seu próprio processo saúde-doença. Outro entrave é a interdependência e privacidade entre profissionais de saúde e os surdos quando, substancialmente o intérprete é uma pessoa não conhecida, embora a ética para o exercício deste profissional preveja sigilo e confiabilidade, os participantes preferem a comunicação direta (OLIVEIRA; CELINO & COSTA, 2015).

A cultura surda defende fortemente a língua de sinais como forma de comunicação e quando a família apresenta resistência à aprendizagem, o sujeito surdo se sente deslocado em seu lar porque a surdez está relacionada a uma diferença e não uma doença\deficiência. Em contrapartida, quando possuem trocas linguísticas e a fluência nas conversações este sujeito consegue agir no mundo ouvintista com naturalidade, demonstrando orgulho, aceitação, autoestima e contribuindo para desfazer movimentos de ouvintes os quais consideram as pessoas surdas como coitadinhos (DE CARVALHO; POSSIDÔNIO; JOCA, 2020).

3.3 A SURDEZ E A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA BILÍNGUE (LÍNGUA PORTUGUESA E LIBRAS) PARA AS RELAÇÕES FAMÍLIA, ESCOLA E ESTUDANTE

O texto de Furtado (2021) certifica que, mesmo sendo amistosa a interação da família com a escola, para o (a) aluno (a) surdo (a) existem dificuldades na aprendizagem e comunicação entre a tríade família, escola e discente quando o espaço não é bilíngue. A investigação foi centrada na percepção dos pais e na relação família e escola para a inclusão do filho no sistema regular de ensino em uma escola preparada para receber ouvintes. A redação concluiu a importância da aprendizagem em Libras, a preparação de todos os docentes, funcionários e equipe diretiva para superar os obstáculos linguísticos e oferecer aos discentes ambientes bilíngues e favoráveis ao desenvolvimento da sociabilidade e aquisição constante das duas línguas, sendo elas língua portuguesa na modalidade escrita e Libras na modalidade visual (FURTADO, 2021). Quando não há disposição na língua própria, o surdo é como um estrangeiro em seu próprio território (DE FARIAS, 2019), ainda que a legislação (BRASIL, 2002) ampare o direito à educação de

qualidade e descreva previsões para o acesso a língua de sinais por meio de intérpretes ou professores proficientes na sala de aula. Já o projeto de lei 6284\19 obriga a oferta de Libras como a língua de comunicação aos estudantes, em todos os níveis e modalidades da educação básica, alterando a LDB 9394\96 (DE DIRETRIZES, 1996).

O contexto histórico da surdez e das lutas das comunidades surdas por seus direitos ao universo bilíngue, começando pela parentela, traz histórias escritas por sujeitos ouvintes e não pelos reais protagonistas, que são as pessoas surdas. Alguns sem autonomia e confiança em sua capacidade permitem que suas vidas sejam relatadas pela visão de outrem (DE FARIAS, 2019). Em contrapartida, o surgimento de escolas com um currículo capaz de atender às diferenças individuais, numa ação pedagógica dialética, dinâmica, desafiadora, lúdica e contextualizada com o princípio básico de interligar pensamento e linguagem pode ser o início de um novo caminho, contada pelo próprio indivíduo (FALEIRO; FARIAS; DA SILVA, 2017).

É comum as famílias optarem primeiramente por escolas inclusivas na esperança de ofertar a oralidade e a sociabilidade de seus filhos com surdez e colegas ouvintes (FURTADO, 2021). No entanto, à medida que o tempo passa e as percepções da dificuldade começam, estas famílias iniciam uma busca por melhores condições de aprendizagem e encontram escolas bilíngues com uma proposta real de inclusão, respeitando a diversidade cultural, social, étnica, religiosa e política com um ensino que integra todas as disciplinas por meio da interdisciplinaridade (DIZEU; CAPORALI, 2005). O ser humano fala bem aquilo que ocupa seu pensamento, consegue distinguir suas vontades e discursar sobre o que está mentalmente envolvido (DE LA TAILLE; DE OLIVEIRA; DANTAS, 2019). No caso das pessoas surdas, não é diferente e, por conseguinte, é um dos objetivos da escola estimular a linguagem de forma igualitária para que possa expressar satisfatoriamente seu pensamento. Dentro desta proposta, demonstrar para a criança um dos princípios da escrita, da sua função social e utilidade para que possa desenvolver autonomia e diminuir a interdependência comunicativa no cotidiano, tornando-se protagonista da própria história de vida (PIMENTA; FAVERO, 2005).

Uma vez estando em um espaço bilíngue, o sujeito surdo encontra mais possibilidades de garantir seu direito à comunicação em sua língua condizente para sua formação social e identitária. Com isso, a comunidade a longos anos, luta pela preservação e desenvolvimento da Libras e acesso como a língua de instrução nas escolas, não na modalidade inclusiva ou especial e, sim, de reconhecimento para uma “...educação linguística, uma política linguística traçada pelo nosso “ser surdo” (CAMPELLO; REZENDE, 2014) .

A linha histórica sobre a comunidade surda, seus desafios e impactos linguísticos evidencia uma crescente disponibilidade das esferas governamentais em ofertar acessos. Dentre os

citados anteriormente, destaca-se os recentes como o Projeto de Lei 4909/20 propõe modificações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). O texto inclui o respeito à diversidade das pessoas surdas, surdocegas e com deficiência auditiva como princípio do ensino no país. Além disso, institui um capítulo específico sobre a Educação Bilíngue de Surdos, definindo-a como modalidade escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua e em português escrito como segunda língua (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS, 2021) . Este projeto percorreu em caráter urgente para votação e gerou a lei nº 14.191 de 03/08/2021. A proposta abrange diversas instituições, desde escolas bilíngues a polos de educação bilíngue, atendendo a alunos com diferentes deficiências auditivas. Prevê serviços de apoio educacional especializado, início na educação infantil, e garantias de matrícula em escolas regulares. O projeto também estabelece programas integrados de ensino e pesquisa, com apoio técnico e financeiro da União, visando a valorização da língua e cultura dos surdos. A iniciativa contempla a educação superior e aborda a contratação e avaliação de professores bilíngues (PLANALTO, 2021).

3.4 A SURDEZ E AS PRINCIPAIS ABORDAGENS TERAPÊUTICAS NA SAÚDE:

Frente ao exposto, é preciso destacar que duas principais visões motivam as ações destinadas às pessoas surdas: a visão sócio antropológica e a clínico terapêutica da surdez (DARDE, 2018; MOREIRA, 2007). A primeira não considera as pessoas surdas como deficientes, mas como diferentes na forma de comunicação, e estimula a aquisição da língua de sinais, sem a necessidade do treino fonoaudiólogo. Por outro lado, a visão clínico terapêutica percebe a ausência da audição tornando-a como foco principal de atuação das práticas de desenvolvimento e ensino dessas pessoas. Nela, todos os métodos de reabilitação são implementados, como os aparelhos auditivos, os implantes cocleares, as terapias de oralização, leitura labial, dentre outras (SKLIAR, 2005; GUARINELLO; CLAUDIO & FESTA, 2012). Nesse sentido, o conhecimento sobre essas visões pode trazer o equilíbrio entre essas concepções, porque o indivíduo surdo pode usar aparelhos auditivos, implantes cocleares e participar de vários métodos para reabilitação oral auditiva e mesmo assim ter definida sua identidade surda e ter acesso à educação bilíngue. Aliás, é direito dos indivíduos surdos a aquisição das duas línguas.

No que tange à Constituição Federal, seu artigo 205, afirma que a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para

o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (FEDERAL, 1998). O artigo 206 destaca a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola e a garantia de padrão de qualidade. Nessa perspectiva, crianças surdas também têm direito ao acesso à educação. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, publicada em 2015, em seu Art 2º: Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (ARAUJO; DA COSTA FILHO, 2016).

Ainda retratando sobre direitos às pessoas com deficiências, não podemos deixar de mencionar o capacitismo. Um modelo social, que também teve início na década de 1970 no Reino Unido, entende que é a estrutura social que produz o caráter excludente e restritivo, estrutura social que produz a deficiência, uma vez que essa oprime as pessoas com deficiências por meio das múltiplas barreiras sociais que obstaculizam a participação social em igualdade de condições às pessoas sem deficiências (IVANOVICH; GESSER, 2020).

Este termo é recente e surgiu no ano 2000 (VENDRAMIN, 2019). O capacitismo tem sido discutido nas redes sociais, no meio acadêmico e por ativistas, autores e pesquisadores. Dentre eles, vale destacar SOUSA (2021) em seu discurso que evidencia e faz referências às práticas e atitudes discriminatórias para com as pessoas com deficiência. Muitas pessoas não conhecem seu direito como cidadão ativo em nosso país por que baseiam suas vidas nos conceitos médicos, focando na deficiência, no corpo “imperfeito”, na inabilidade de conduzir sua opinião e argumentação em uma sociedade, que tradicionalmente, tratou pessoas com deficiência conforme abordagens clínicas e terapêuticas para que esse sujeito possa se adaptar a “normalidade”, o tornando assim como uma classe minoritária e quase não percebida pelos “normais”.

Nesse sentido, para evitar a perpetuação desta prática e modelo, aos surdos é considerável a efetiva comunicação entre profissionais de saúde e famílias surdas ou ouvintes com filhos(as) surdos(as) durante atendimentos, seja na atenção básica ou tratamentos, é necessário aquisição da língua de sinais por todos os envolvidos e, assim, entender e fazer-se entender. Não basta conhecer o alfabeto e usar o datilológico, ou ainda, escrever porque a maioria dos surdos não compreendem a leitura escrita na estrutura da língua portuguesa, embora reconheçam a importância e seu aspecto social. No entanto, a estrutura linguística e gramatical da língua de sinais é diferente, por isso, os envolvidos nos atendimentos precisam estar sempre em processo de aprendizagem e atentos às novas estratégias comunicacionais. Uma destas estratégias é o intérprete, cujo dever ético consiste em transmitir as mensagens e intermediar falas, perguntas e respostas (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2015).

Ainda sobre atendimentos e comunicação alternativa através do datilológico e da escrita é importante reconhecer que todas as pessoas surdas necessitam de conhecimento do mundo de modo que possam contextualizar o escrito e, logo, derivar sentido e compreensão. Por isso, para minimizar a desigualdade de expressão, comunicação e a exposição do paciente diante as outras pessoas que apenas interpretam e estão aquém do tratamento, os pacientes e o profissional de saúde precisam construir vínculos e trocas linguísticas, a medida que o diálogo entre questionamentos e respostas possibilitam aprendizado entre ambas as partes (OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2015).

Em suma, por meio da língua de sinais os usuários do sistema de saúde, de qualquer faixa etária, poderão atribuir significado ao que leem, deixando de ser meros decodificadores da escrita, e é através da comparação da Libras com a língua portuguesa que irão constituindo sua individualidade, autonomia e o seu conhecimento pela leitura e interpretação do mundo e das relações para uma comunicação efetiva e eficaz.

4. PROBLEMA DE PESQUISA

A experiência docente desta autora corrobora para a pesquisa e o presente estudo, questiona: Como se constrói a comunicação entre família ouvinte e seu(ua) filho(a) surdo(a) e a interdependência dessa com a abordagem terapêutica e o envolvimento família-escola, experienciadas por eles nos serviços de educação e saúde?

4.1 OBJETIVOS

4.1.1 OBJETIVO GERAL

Compreender como se constrói a comunicação na vida cotidiana entre a família ouvinte e seu(ua) filho(a) surdo(a) e a interdependência dessa com a abordagem terapêutica e o envolvimento família-escola, experienciadas por eles nos serviços de educação e saúde com vistas a produção de um e-book.

4.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever como se constrói a comunicação na vida cotidiana entre família e seu (sua) filho(a) surdo(a) na percepção dos pais/responsáveis;
- Relatar a abordagem terapêutica e a interdependência da comunicação nos serviços de saúde experienciada pelas famílias ouvintes com filhos(as) surdos(as) na perspectiva dos(as) responsáveis;
- Analisar a interdependência entre a abordagem terapêutica experienciada pelas famílias participantes na perspectiva dos(as) responsáveis;
- Construir um produto educativo para auxiliar no desenvolvimento linguístico e bilíngue para as famílias e profissionais de saúde de modo a qualificar a abordagem terapêutica junto a pacientes surdos.

5 METODOLOGIA

5.1 DELINEAMENTO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza exploratória para compreender a relação e a comunicação entre família ouvinte e filho(a) surdo(a), bem como descrever a abordagem terapêutica vivenciada por eles com os profissionais da saúde.

5.2 PARTICIPANTES

Participaram oito pais ou responsáveis ouvintes com filho(s) surdo(s) em idade escolar (entre 11 e 15 anos) que tenham recebido o diagnóstico há pelo menos cinco anos. Todas as crianças estavam envolvidas em alguma abordagem terapêutica (como terapia fonoaudiológica, psicoterapia, atendimento pedagógico especializado, etc). Foram excluídos do estudo crianças que não estejam matriculadas no ensino fundamental II, na Escola Especial, situada na cidade de Gravataí, desde o primeiro ano do ensino Fundamental I e que não atendam aos critérios de inclusão estabelecidos.

5.3 INSTRUMENTOS

Para a geração de dados deste estudo foram utilizados três instrumentos: 1) Questionário de dados sociodemográficos e clínico semiestruturado, composto por treze perguntas fechadas e seis perguntas abertas enviado impresso aos responsáveis para conhecer a realidade familiar (Apêndice 1); 2) o Checklist da Rotina Compartilhada e Envolvimento entre Família-Escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável), de DESSEN e POLONIA (2009, p.199-202)

(Anexo 1); e 3) Entrevista semiestruturada (Apêndice 2) com vistas a compreender como acontece a comunicação na vida cotidiana entre família ouvintes e filho(a) surdo(a), bem como descrever como se construiu a comunicação entre família e seu (sua) filho(a) surdo(a) na percepção dos pais/responsáveis.

Os instrumentos 1 e 3 foram construídos para fins deste estudo e partiram das observações empíricas corroboradas com a literatura vigente no que tange aos aspectos comunicacionais, linguísticos e legais dos surdos para acesso a sua língua primeira língua nas relações familiares e espaços na área da saúde (BRITO; DESSEN, 1999; OLIVEIRA; SIMIONATO; NEGRELLI; MARCON, 2004; OLIVEIRA; CELINO; COSTA, 2015).

5.4 PROCEDIMENTOS PARA A GERAÇÃO DE DADOS

Na etapa inicial, após convite e aceite do mesmo pelas famílias, as famílias receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Uma vez assinado esse documento, elas responderam ao questionário sócio-demográfico e ao Checklist da Rotina Compartilhada e Envolvimento entre Família-Escola e as entrevistas foram agendadas. Estas aconteceram de forma síncrona, através da plataforma Meet e foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Das dez famílias convidadas, três desistiram e duas não concluíram as etapas da pesquisa, sendo excluídas deste estudo. Desta forma outros convites foram enviados e nesta segunda etapa, obteve três responsáveis que concordaram, com os termos, totalizando oito famílias participantes. Algumas delas com mais de um filho(a) surdo(a) que não fizeram parte da pesquisa por critérios de exclusão.

A entrevistadora fez contato com a direção da escola e convidou os responsáveis pelos estudantes para explicar as fases deste estudo, sua relevância e o termo de consentimento livre e esclarecido para a participação na pesquisa. Uma vez esclarecidos os procedimentos e documentos foi disponibilizado o questionário e o checklist, ambos impressos, para preenchimento. As entrevistas aconteceram no período de novembro/23 a fevereiro/24, de forma síncrona através da plataforma google meet, com a privacidade necessária.

5.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O questionário com os dados sociodemográficos foi respondido por oito famílias ouvintes com filho(a) surdo(a), sendo que três destas famílias, 37,5%, têm outros filhos(as) surdos(as). O instrumento foi dividido em dois blocos: O primeiro consiste em perguntas gerais

relacionadas à composição familiar, idade, renda e horas trabalhadas pelo participante responsável e o segundo bloco questões específicas sobre o(a) filho(a) surdo(a).

O segundo bloco integra questões sobre anamnese e dados clínicos do público alvo da pesquisa. Foram oito filhos(as) surdos(as) com idades entre 11 a 15 anos, estudantes do ensino fundamental II, todos interdependentes nos espaços de saúde onde a família é a responsável por interpretar as informações entre os profissionais e pacientes, sejam em consultas de rotina ou terapias.

Através do segundo instrumento, o Checklist da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável), a análise se deu por estatística descritiva (frequência, percentual, médias). Este instrumento teve o objetivo de coletar informações da rotina escolar, levando em conta as atividades dos estudantes e a participação família-escola para analisar e descrever, dentro de cada categoria, os itens que se destacam pela predominância nas respostas. A versão para pais é composta de 54 itens a respondidos com as opções de “sim” ou “não”, de acordo com a concordância a respeito de afirmações sobre atividades da família: diádicas (pais-professor, pais-direção, pais-filhos, pais-pais) triádicas (pais-professor-direção) e poliádicas (pais-professor-direção-aluno). O instrumento foi construído considerando as dimensões acadêmicas (que dizem respeito ao desempenho e à aprendizagem formal do aluno) e não acadêmicas (abrangendo as atividades relacionadas às práticas educativas e aos eventos socioculturais que podem influenciar o comportamento e o desenvolvimento do educando). Essas duas dimensões se referem às práticas classificadas como de orientação, participação, informação e avaliação conforme mostram os quadros 1 e 2.

Quadro 1 - Descrição das categorias e dimensões do checklist da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável)

CATEGORIA	ÁREA ACADÊMICA	ÁREA NÃO ACADÊMICA
Orientação	Ações e estratégias sistemáticas por um dos participantes com a finalidade de fornecer informações para a melhoria do desempenho do outro.	Orientação e monitoramento nas atividades socioculturais, não escolares ou com necessidade especial.
Participação	O participante assume um papel colaborativo que envolve a proposição ou adesão a uma atividade, voluntária ou não.	Interagir e estimular a relação entre os envolvidos nas atividades socioculturais de forma espontânea.
Informação	Transmissão de fatos, eventos e/ou atividades com o uso de boletins, informativos ou contato pessoal.	Conversas entre alunos, pais e professores para divulgar conhecimento das propostas escolares.
Avaliação	Conselhos para eventuais mudanças, identificar e analisar situações problemáticas em relação à área acadêmica e não acadêmica.	Avaliação sobre os aspectos relacionados ao comportamento, disciplina da turma, conteúdos, estratégias de ensino através de diálogos entre pais e filhos.

Fonte: Autora (2023)

Quadro 2 - Checklist da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola: versão dos pais

DIMENSÃO	ÁREA	CATEGORIA/QUESTÕES			
		ORIENTAÇÃO	PARTICIPAÇÃO	INFORMAÇÃO	AVALIAÇÃO
PAIS- -PROFESSOR	Acadêmica	1,2,3	4,5,6,7	8 e 9	10,11,12,13,14
	Não acadêmica		15 e 16		
PAIS- -DIREÇÃO	Acadêmica		17 e 18		
	Não acadêmica		19,20,21,22		
PAIS- -ALUNO	Acadêmica	23,24,25,26,27	28,29,30		31 e 32
	Não acadêmica	33 e 34	35,36,37		38 e 39
PAIS- -PAIS	Acadêmica				40
	Não acadêmica		41,42,43,44	45	
PAIS- -DIREÇÃO- -PROFESSOR	Acadêmica		48 e 49		46 e 47
	Não acadêmica		50		
PAIS- PROFESSOR- -DIREÇÃO- ALUNO	Acadêmica				51
	Não acadêmica		52		53 e 54

Fonte: Autora (2023)

O terceiro instrumento foi a entrevista semiestruturada, que foi gravada e transcrita. Após estes dados foram analisados através da análise de conteúdo de Bardin (2011). Esse método é indicado para as leituras, interpretações e descrição dos fatos pesquisados em conjuntos de instrumentos de cunho metodológico a serem aplicados em textos por mensagens e vídeos, os quais serão diversificados (BARDIN 2011, p.15). Assim, reuniu-se de forma completa as informações pertinentes e analisando o que está explícito e implícito nas falas, transcrevendo os textos e formulando as hipóteses, algumas validadas e outras descartadas.

Conforme metodologia proposta por Bardin (2011) a análise de conteúdo, desenvolvidas neste estudo, seguiu as seguintes etapas:

- 1) Organização - avaliação dos dados e seleção das descrições, selecionado frases e/ou palavras das mensagens que são relevantes sem omitir partes importantes, homogeneidade, leitura “flutuante” e construção de hipótese para analisar os objetivos desta pesquisa.
- 2) Codificação dos dados em *unidades de registro* - para as entrevistas a análise ocorreu através do critério semântico, com o tema comunicação, e lexical para

descrever sentidos e significados das expressões, das palavras\comunicação entre mães e filhos em suas narrativas.

- 3) Categorização - a construção de quadros sínteses agrupou os fenômenos que mais aparecem nas narrativas e as palavras e/ou frases com mais e menos impactos para descrever a comunicação entre os pesquisados.
- 4) Interpretação – Uso de hermenêutica para realizar a interpretação dos elementos como os sentidos das palavras escritas ou expressas oralmente durante as entrevistas.

5.6 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ciências da Saúde – CEP-UFCSPA, sob a autorização no CAAE 62840522.8.0000.5345. Foi garantida a privacidade dos participantes e a fidedignidade do estudo e a devolução dos resultados encontrados às instituições de ensino participantes. As fases da pesquisa respeitaram a Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, para pesquisas envolvendo seres humanos.

Os dados coletados foram mantidos em sigilo, bem como a identidade dos participantes. A identificação dos sujeitos foi substituída por uma letra e números de acordo com a quantidade de participantes.

6. RESULTADOS

A partir dos instrumentos utilizados foram analisadas as experiências das oito famílias envolvidas com vistas a responder os objetivos deste estudo, bem como para comparar a relevância e as diferenças das quatro categorias do checklist, a predominância da realidade sociodemográfica e descrever as narrativas das entrevistas.

O quadro 3 mostra a caracterização dos participantes deste estudo. Neste primeiro bloco, do questionário com os dados sociodemográficos, evidenciou que pessoas do sexo feminino estão mais presentes nos cuidados com os estudantes, pois 75% das respondentes são mães; com idade média dos responsáveis de 49,37%. A respeito da renda familiar, relataram ser entre 1,5 e 2,5 salários mínimos. Observou-se que a composição familiar mais frequente é de quatro pessoas

(50%), indicando ainda que metade dos responsáveis não completou o ensino fundamental I (50%) e não trabalha atualmente (50%).

O Quadro 3 - Dados do questionário sociodemográfico

FAMÍLIAS								
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8
Parentesco	mãe	pai	pai	mãe	mãe	mãe	mãe	mãe
Idade	54	56	49	45	48	41	52	50
Escolarização	4º	8º	EM	EM	EM	5º	3º	4º
nº de pessoas que moram juntos	5	7	4	4	4	5	4	3
Renda familiar nº salários mínimos	1,5	2	1,5	2,5	2	1,5	1,5	1,5
nº de horas trabalhadas semanais	40	30	40	N	40	N	N	N

Fonte: Autora (2023)

No segundo bloco de perguntas relacionadas a anamnese e dados clínicos, observa-se que 25% são crianças, 75% são adolescentes e que 100% deles apresentam dificuldades emocionais como inquietação, agitação e ansiedade. Dentre eles, 25% estão em investigação para o diagnóstico de TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) e outros 25% com laudo e uso de medicamentos para este transtorno. No que se refere a comorbidades, um estudante (12,5%) é autista e 37% apresentam surdez sem comorbidades. Sobre a causa da surdez, 75% responderam que desconhecem a causa, 25% revelam ser genética, pois têm outros filhos surdos. Quanto ao momento em que se deu o diagnóstico, 5% tiveram na triagem neonatal (nascimento), 12,5% em uma consulta de rotina ao pediatra com poucos dias de vida, 25% a partir de suspeita da família e investigação com idade menor a um ano de vida; e um caso, 12,5%, com mais de quatro anos de idade (quadro 4).

Quadro 4 - Dados sócio-demográfico: anamnese e dados clínicos da criança surda

DADOS SOCIO-DEMOGRÁFICO ANAMNESE E DADOS CLÍNICOS - DA CRIANÇA								
	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8
Idade	15 anos	12 anos	14 anos	12 anos	11 anos	13 anos	14 anos	11 anos
Ano Escolar	8º	6º	8º	6º	6º	6º	8º	6º
Idade da criança ao receber o diagnóstico da surdez	1 ano	nascimento	4 anos	23 dias	nascimento e foi tendo perda progressiva	nascimento	9 meses	nascimento
Cite as comorbidades, se houver	Não	asma	TDAH	Autismo	Em investigação para TDAH	Não	TDAH e convulsões	Em investigação para TDAH
Faz uso de medicamentos	Não	Para asma	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Causa da surdez	Não Sabe	Não Sabe	Não Sabe	Genética	Genética	Não Sabe	Não Sabe	Não Sabe
Especialistas que atendem a criança	Psiquiatra	Fonoaudiólogo	Neurologista e Fonoaudiólogo	Terapeuta Ocupacional e Fisioterapeuta	Neurologista	Fonoaudiólogo e Neurologista	Psiquiatra e Neurologista	Neurologista e Fonoaudiólogo
Cite a dificuldade emocional	Inquieta, ansiosa e agitada	Inquieto, ansioso e agitado	Inquieto, ansioso e agitado	Dificuldades sociais, inquieto e ansioso	Inquieta, ansiosa e agitada	Inquieta, ansiosa e agitada	Inquieto, ansioso e agitado	Inquieta, ansiosa e agitada

Fonte: Autora (2023)

6.1 RESULTADOS SOBRE A ROTINA COMPARTILHADA E O ENVOLVIMENTO ENTRE FAMÍLIA-ESCOLA

Para Dessen e Polonia (2009) o ambiente escolar e a participação da família neste espaço contribuem significativamente para o desenvolvimento socioemocional e cognitivo de todos os envolvidos. A partir desta afirmação é possível pensar que se o ambiente é bilíngue, as famílias ouvintes e filhos(as) surdos(as) possuem vantagens a mais, se comparado a aquisição de uma língua, porque as relações interpessoais podem acontecer em diversos segmentos como acadêmicos, não acadêmicos e em momentos interativos como eventos, promovendo a comunicação oral em língua portuguesa e a visual em Libras simultaneamente entre pais-pais, professores-pais, direção-alunos, direção-pais, entre outros participantes.

Logo, para captar a interdependência e as influências mútuas entre indivíduos e o ambiente escolar, foi aplicado o checklist da rotina compartilhada como instrumento de geração de dados. Os resultados experienciados pelas famílias participantes na perspectiva dos(as) responsáveis estão expostos na Tabela e Gráfico 1.

Tabela 1: Resultado das perguntas conforme o CHECKLIST - da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável).

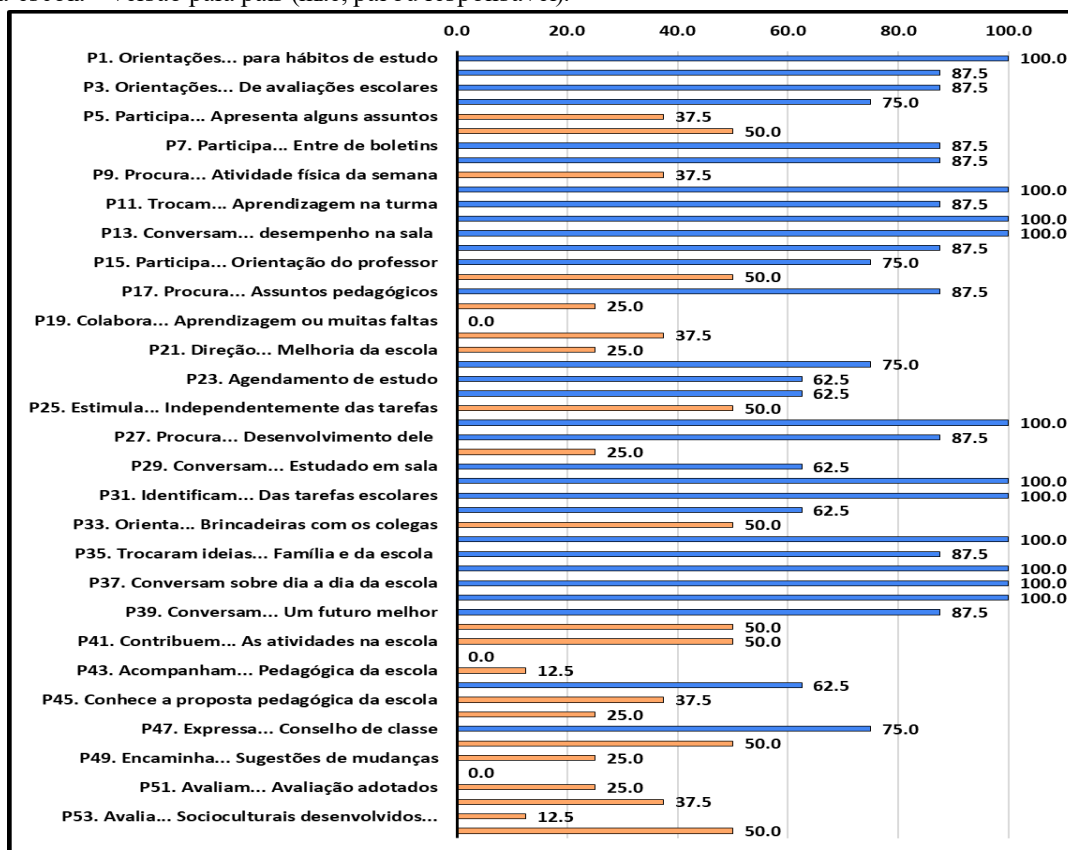
	Sim		Não		p-valor
	(n=8)	%	(n=8)	%	
P1. Orientações... para hábitos de estudo	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P2. Orientações... Dos conteúdos escolares	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P3. Orientações... De avaliações escolares	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P4. Discutem... Formação acadêmica	6	75.0	2	25.0	0.0030*
P5. Participa... Apresenta alguns assuntos	3	37.5	5	62.5	0.1529
P6. Oferece... Em sala de aula	4	50.0	4	50.0	0.9999
P7. Participa... Entrega de boletins	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P8. Procura... Desenvolvimento escolar	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P9. Procura... Atividade física da semana	3	37.5	5	62.5	0.1529
P10. Conversam... dificuldade dos filhos	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P11. Trocam... Aprendizagem na turma	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P12. Escreve... Identifica as dificuldades	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P13. Conversam... desempenho na sala	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P14. Conversam... Dificuldade	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P15. Participa... Orientação do professor	6	75.0	2	25.0	0.0030*
P16. Oferece... Atividades socioculturais	4	50.0	4	50.0	0.9999
P17. Procura... Assuntos pedagógicos	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P18. Envolvido... Pela escola	2	25.0	6	75.0	<0.0001*
P19. Colabora... Aprendizagem ou muitas faltas	0	0.0	8	100.0	<0.0001*
P20. Procura... Atividade e projetos da escola	3	37.5	5	62.5	0.0030*
P21. Direção... Melhoria da escola	2	25.0	6	75.0	0.0030*
P22. A equipe... Afetam o seu filho	6	75.0	2	25.0	0.0030*
P23. Agendamento de estudo	5	62.5	3	37.5	0.1529
P24. Acompanham... As tarefas escolares	5	62.5	3	37.5	0.1529
P25. Estimula... Independentemente das tarefas	4	50.0	4	50.0	0.9999
P26. Oriente... Dificuldade em realizar tarefas	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P27. Procura... Desenvolvimento dele	7	87.5	1	12.5	<0.0001*

P28. Lê livros, revistas e etc	2	25.0	6	75.0	0.0030*
P29. Conversam... Estudado em sala	5	62.5	3	37.5	0.1529
P30. Solicita... Produzidos por ele	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P31. Identificam... Das tarefas escolares	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P32. Trocam... Dinâmica de sala de aula	5	62.5	3	37.5	0.1529
P33. Orienta... Brincadeiras com os colegas	4	50.0	4	50.0	0.9999
P34. Discutem... Comporta em sala de aula	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P35. Trocaram ideias... Família e da escola	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P36. Estimula... Atividades socioculturais	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P37. Conversam sobre dia a dia da escola	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P38. Conversam... Disciplina da turma	8	100.0	0	0.0	<0.0001*
P39. Conversam... Um futuro melhor	7	87.5	1	12.5	<0.0001*
P40. Identificam... Pedagógica da escola	4	50.0	4	50.0	0.9999
P41. Contribuem... As atividades na escola	4	50.0	4	50.0	0.9999
P42. Participou... Pedagógica da escola	0	0.0	8	100.0	<0.0001*
P43. Acompanham... Pedagógica da escola	1	12.5	7	87.5	<0.0001*
P44. Participou... Mestre e/ou conselho escolar	5	62.5	3	37.5	0.1529
P45. Conhece a proposta pedagógica da escola	3	37.5	5	62.5	0.1529
P46. Realizam... Necessidades da escola	2	25.0	6	75.0	0.0030*
P47. Expressa... Conselho de classe	6	75.0	2	25.0	0.0030*
P48. Discutem... Avaliação adotados	4	50.0	4	50.0	0.9999
P49. Encaminha... Sugestões de mudanças	2	25.0	6	75.0	0.0030*
P50. Planejam... Eventos socioculturais	0	0.0	8	100.0	<0.0001*
P51. Avaliam... Avaliação adotados	2	25.0	6	75.0	0.0030*
P52. Realiza... Participação...	3	37.5	5	62.5	0.1529
P53. Avalia... Socioculturais desenvolvidos...	1	12.5	7	87.5	<0.0001*
P54. Os acontecimentos... Escola	4	50.0	4	50.0	0.9999

Fonte: Autora (2023)

*Teste de G de Aderência.

Gráfico 1: Resultado da resposta Sim do CHECKLIST - da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável).



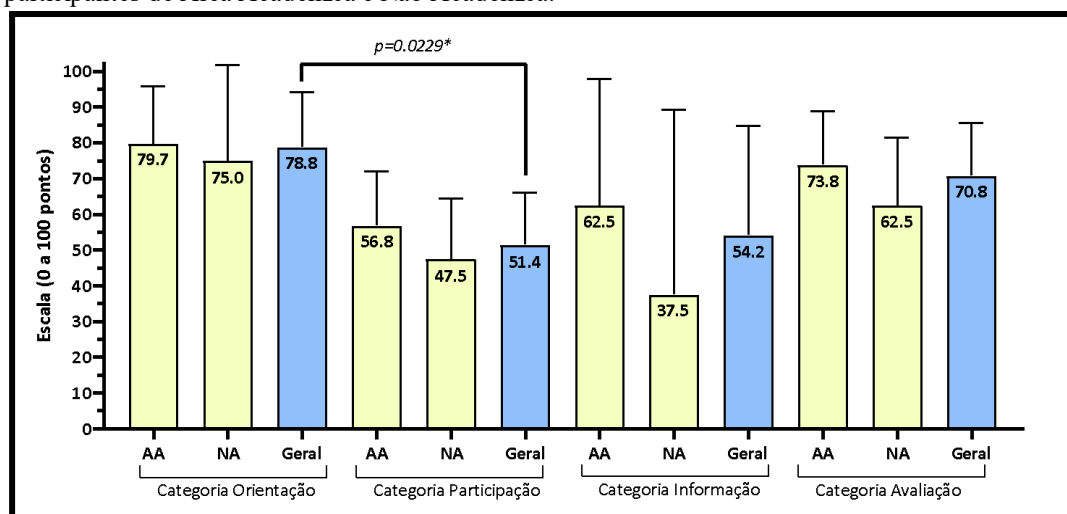
Fonte: Autora (2023)

O gráfico 1 demonstra que as taxas de respostas variaram de 100% a 0%. Todas as oito famílias responderam “sim” na categoria AA. para as questões P1, P10, P12 e P13. Estas demonstram a participação ativa relacionada a diádes pais-professor. São indagações sobre orientação e conversas com o professor para desenvolver hábitos de estudos e minimizar as dificuldades de aprendizagem. As P30 e P31, indicam um diálogo efetivo entre pais-alunos como solicitar ao filho(a) surdo(a), que mostre os trabalhos produzidos em sala de aula. As questões P34 (AA), P36, P37, P38 (NA) pontuadas como 0% se enquadram na comunicação cotidiana entre pais-alunos para discutirem comportamentos em sala de aula, disciplina da turma e incentivos à participação em atividades socioculturais no ambiente escolar.

Para compreender a relevância dos processos de continuidade e descontinuidades entre a família e a escola, foi preciso mapear estes resultados. A comparação das categorias Orientação, Participação, Informação e Avaliação foram realizadas atendendo três critérios: AA (Área Acadêmica), NA (Não Acadêmica) e Geral.

O resultado do teste de Kruskal-Wallis refere-se à pontuação obtida em situações em que há comparações com mais de dois grupos, independente de tamanhos iguais ou não. Para as categorias, demonstrou uma distribuição normal, sendo assim a análise descritiva das variáveis quantitativas é apresentada em média $\pm$ DP. As pontuações médias e taxas, por categorias, estão apresentadas no Gráfico 2.

Gráfico 2: Média do score das categorias Orientação, Participação, Informação e Avaliação conforme os participantes de Área Acadêmica e Não Acadêmica.



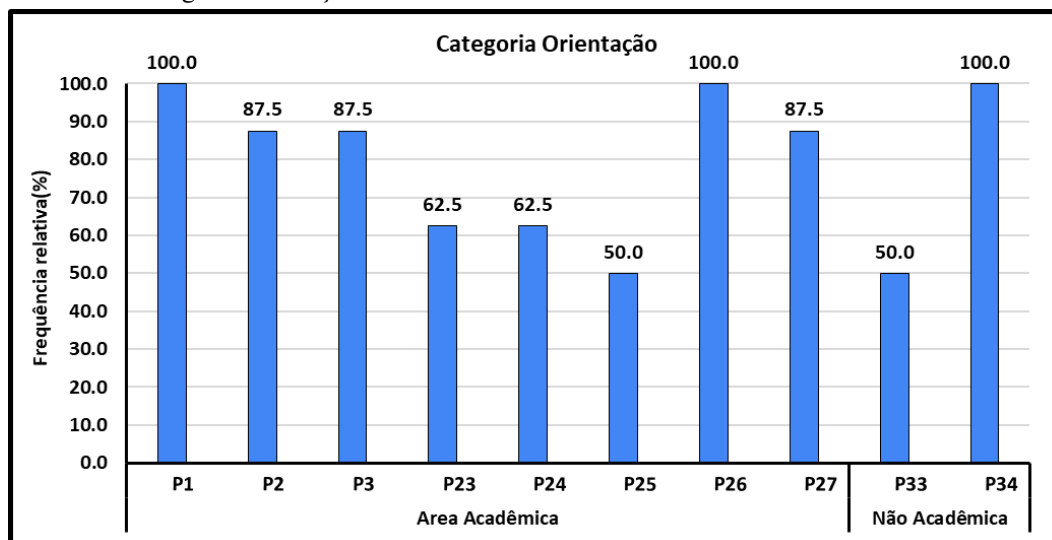
Fonte: Autora (2023)

Na sequência, a análise estatística descritiva aborda o comparativo dentro de cada

categoria para evidenciar quais itens se destacam pela escolha das famílias.

A *Categoria Orientação Área Acadêmica* consiste em ações e estratégias sistemáticas por um dos participantes com a finalidade de fornecer informações para a melhoria do desempenho do outro. Nesta, a pergunta “1. Você recebe orientações do professor para desenvolver hábitos de estudo em seu filho” e “26. Você orienta seu filho quando este tem dificuldades em realizar uma tarefa escolar” ambas tiveram 100% de frequência. A *Área Não Acadêmica*, o questionamento aborda questões relacionadas a orientação e monitoramento nas atividades socioculturais, não escolares ou com necessidade especial. A pergunta “34. Você e seu filho discutem as maneiras e modos de agir e de se comportar em sala de aula”, também com 100 % de frequência enquanto a “33. Você orienta/monitora as atividades não escolares do seu filho, incluindo assistir à TV e brincadeiras com os colegas” cai para 50%.

Gráfico 3: Categoria Orientação conforme a Área Acadêmico e Não Acadêmico.



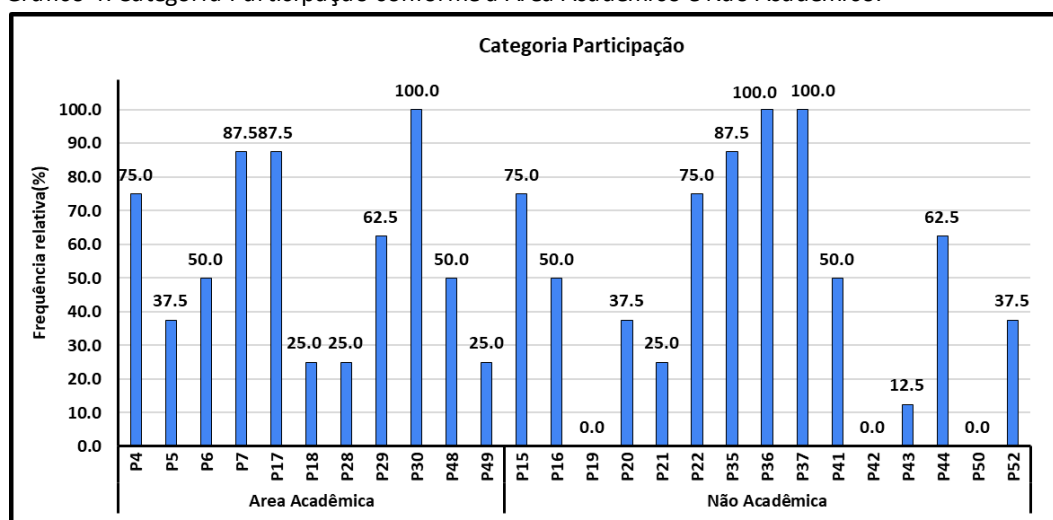
Fonte: Autora (2023)

A *Categoria Participação Área Acadêmica* instiga o participante a assumir um papel colaborativo que envolve a proposição ou adesão a uma atividade, voluntária ou não. A pergunta “30. Você solicita ao seu filho que mostre os trabalhos produzidos por ele, em sala de aula.”, tem 100% de frequência e se contrapõe com a “18. Você lê livros, revistas e jornais para seu filho.” com apenas 25%. Ambas estão relacionadas à comunicação diária entre pais-alunos. Enquanto a primeira envolve ação do estudante surdo como transmissor e a segunda a participação ativa da família em tornar o diálogo efetivo e afetivo. Além destas, as demais questões com índices baixos, 25%, evidenciam respostas que estão inseridas apenas no contexto escolar e envolvem as relações triádicas professor-direção-pais. A exemplo das perguntas “18. Você está envolvido em algum

projeto desenvolvido pela escola” e “49. Você encaminha à equipe da direção e aos professores sugestões de mudança nas atividades da escola (currículo, projeto político pedagógico etc.).

A *Área Não Acadêmica* estimula a integração e a relação entre os envolvidos nas atividades socioculturais de forma espontânea. As perguntas “36. Você é estimulado pelo seu filho a participar de gincanas e atividades socioculturais” e “37. Você e seu filho conversam sobre o dia a dia da escola.” Ambas com 100 % de frequência. Em contrapartida, o gráfico 3, mostra 0% nos itens relacionados aos diferentes contexto; diádico: perguntas “19.Você colabora com a escola visitando a casa dos alunos que têm problemas de aprendizagem ou muitas faltas.” (pais-direção) e “42. Você participou da elaboração do projeto político pedagógico da escola.” (pais-pais) e triádicas “50. Você, a equipe diretiva/pedagógica e professores planejam, juntos, eventos socioculturais.”

Gráfico 4: Categoria Participação conforme a Área Acadêmico e Não Acadêmico.

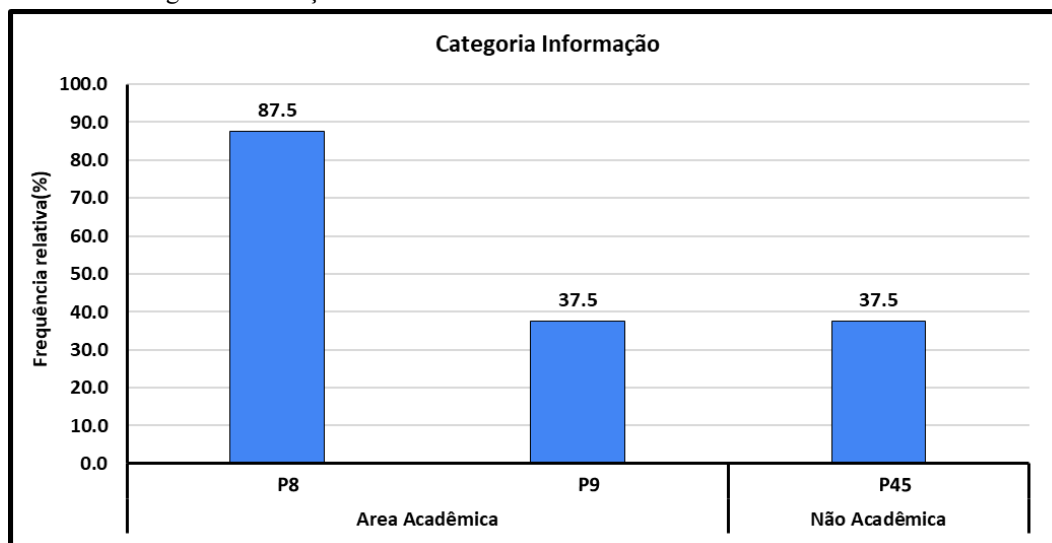


Fonte: Autora (2023)

A *Categoria Informação Área Acadêmica* agrupa duas perguntas com diferença significativa de 50% entre elas, embora estejam caracterizadas pelas relações pais-professor, objetivando a transmissão de fatos, eventos e/ou atividades com o uso de boletins, informativos ou contato pessoal. A pergunta “8. Você procura o professor para saber do desenvolvimento escolar do seu filho” tem 87.5% de frequência contra 37.5% da questão 9. Você procura o professor para saber das atividades ocorridas na semana na escola.” A *Área Não Acadêmica* com apenas uma pergunta esclarece se existem conversas entre alunos, pais e professores para divulgar conhecimento das propostas escolares e qual a relevância desta abordagem. A pergunta “45. Você conhece a proposta pedagógica da escola.” tem apenas

37.5% de frequência, isto é três famílias conhecem e cinco desconhecem.

Gráfico 5: Categoria Informação conforme a Área Acadêmico e Não Acadêmica.

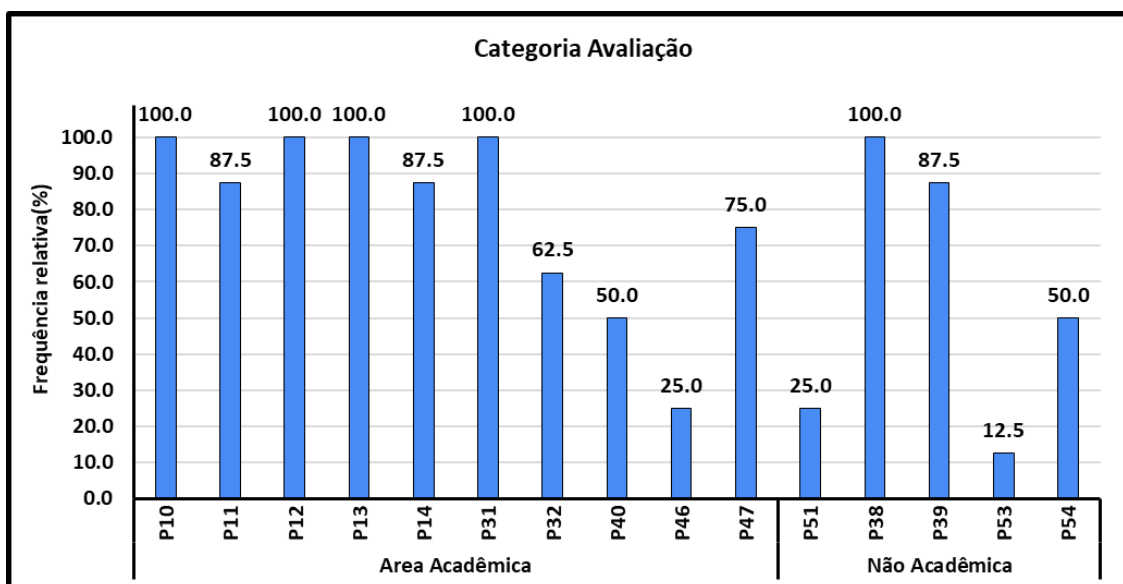


Fonte: Autora (2023)

A *Categoria Avaliação Área Acadêmica* possibilita a criação de conselhos para eventuais mudanças, para que os indivíduos possam identificar e analisar situações problemas em relação à área acadêmica e não acadêmica, sugerindo mudanças que explore todo o potencial pedagógico da tecnologia e ações na escola, no ensino e até na prática docente quando necessário. Os dados podem ser observados no gráfico 6 (Categoria Informação conforme a Área Acadêmico e Não Acadêmico).

Com taxas de 100% de frequência, estão as questões que envolvem a interação comunicacional entre pais-alunos, a saber: 10. “Você e o professor conversam sobre as dificuldades que seu filho apresenta na escola”; 12. “Você escreve no caderno do seu filho ou envia bilhetes para o professor, identificando as dificuldades na realização das tarefas escolares”; 13. “Você e o professor conversam sobre o desempenho do professor em sala de aula” e “31. Você e seu filho identificam as dificuldades apresentadas por ele na realização das tarefas escolares.” Os resultados na categoria ‘Não Acadêmica’ apresentam diferenças significativas em relação à rotina e avaliação dos pais-alunos, como confirma a pergunta “38. Você e seu filho conversam sobre as questões relacionadas ao comportamento e disciplina da turma em sala de aula” tem 100% de frequência. Notoriamente a P53. “Você avalia com outros pais, professores, alunos e direção os projetos socioculturais desenvolvidos pela escola” tem apenas 12% de participação.

Gráfico 6: Categoria Informação conforme a Área Acadêmico e Não Acadêmico.



Fonte: Autora (2023)

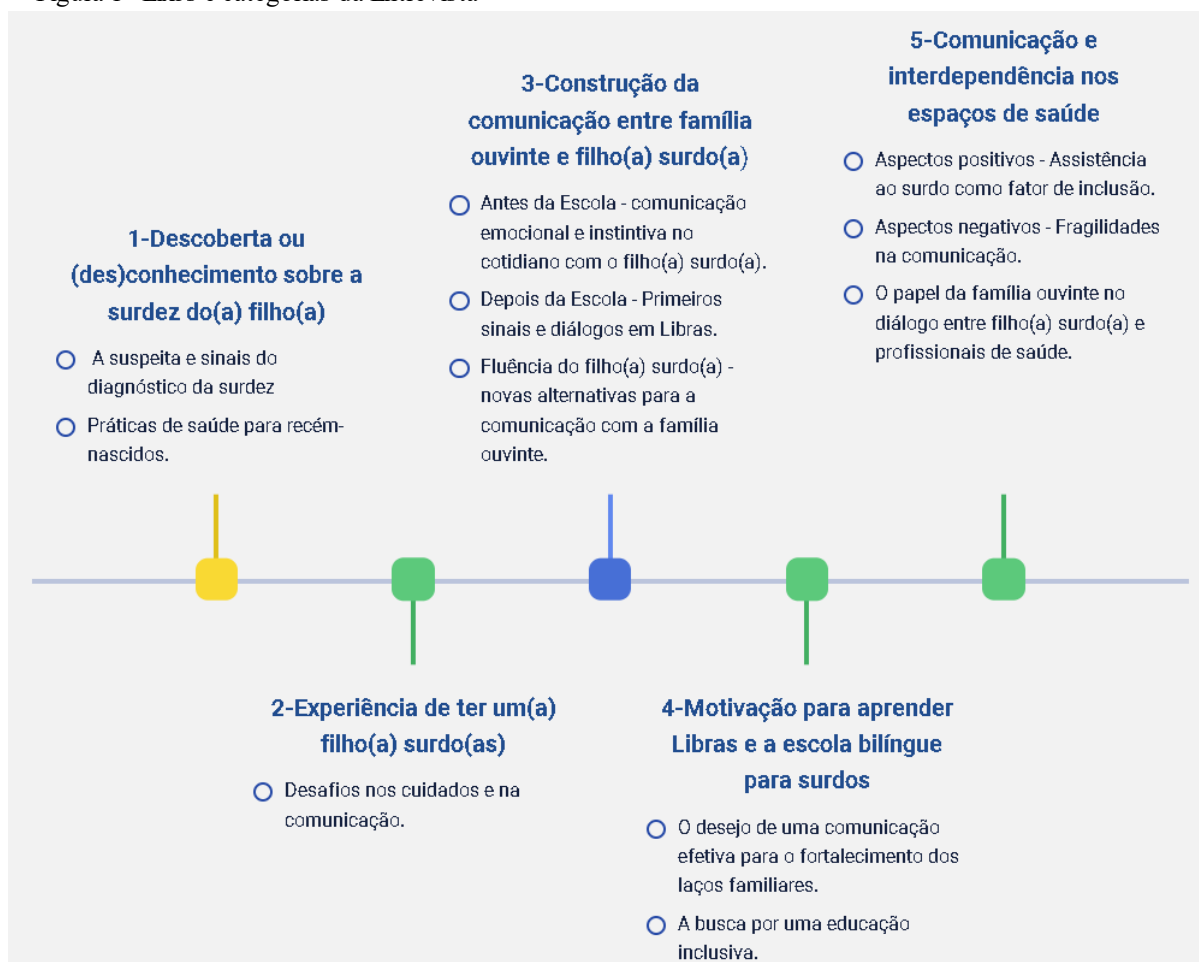
6.2 ENTREVISTAS

Todas as famílias, público alvo deste estudo, foram convidadas a participar, tanto indiretamente, via meios digitais, quanto diretamente, abordadas pessoalmente na escola. Contudo com adesão espontânea de dez pais que desejaram participar da pesquisa; desses, três indivíduos desistiram e dois foram excluídos porque não concluíram todas as etapas. Dessa forma, outros convites foram enviados e outros três participantes aceitaram.

Após a aplicação da entrevista piloto, a versão final do questionário permaneceu a mesma, mas as perguntas foram realizadas conforme a especificidade de cada resposta para oferecer a oportunidade do narrador lembrar dos fatos e obter informações como gestos, tom de voz e reticências. Em alguns momentos, foi necessário reformular a pergunta com palavras mais simples.

A partir da entrevista gravada, a análise dos dados construiu-se com vistas a compreender como se constrói a comunicação na vida cotidiana entre a família ouvinte e seu(ua) filho(a) surdo(a) e a interdependência dessa com a abordagem terapêutica experienciada por eles nos serviços de saúde. A análise de conteúdo da transcrição das entrevistas se deu a partir dos seguintes eixos temáticos vinculados às questões apresentadas nas entrevistas, a saber: 1 - Descoberta ou (des)conhecimento sobre a surdez do(a) filho(a), 2 - Experiência de ter um(a) filho(a) surdo(as), 3 - Construção da comunicação entre família ouvinte e filho(a) surdo(a), 4 - Motivação para aprender Libras e a escola bilíngue para surdos; 5 - Comunicação e interdependência nos espaços de saúde. A análise da fala dos sujeitos possibilitou a construção de categorias em cada eixo, ilustradas na figura 1.

Figura 1 - Eixos e categorias da Entrevista



Fonte: Autora (2023)

No primeiro eixo, a respeito de como se deu a descoberta sobre a surdez, surgiram duas categorias: 1) A suspeita e sinais do diagnóstico de ter o(a) filho(a) surdo(a) e 2) Práticas de saúde para recém-nascidos. No segundo eixo, que trata sobre a experiência de ter um(a) filho(a) surdo(as), emergiu uma categoria: Desafios nos cuidados e na comunicação. O terceiro eixo se refere à construção da comunicação entre família ouvinte e filho(a) surdo(a) elucidou três fases distintas para a construção da comunicação entre as famílias ouvintes com filho(o) surdo(a) que foram denominadas como as seguintes categorias: 1) Antes da Escola - comunicação emocional e instintiva no cotidiano com o filho(a) surdo(a); 2) Depois da Escola - Primeiros sinais e diálogos em Libras; e 3) Fluência do filho(a) surdo(a) - novas alternativas para a comunicação com a família ouvinte, revelando a inserção no contexto escolar como um marco temporal. O quarto eixo versa sobre a motivação para aprender Libras e a escola bilíngue para surdos e revelou duas categorias: 1) O desejo de uma comunicação efetiva para o fortalecimento dos laços familiares e 2) a busca por uma educação inclusiva. Já no último eixo, que se refere a comunicação e interdependência nos espaços de saúde, emergiram três categorias: 1) Aspectos positivos - Assistência ao surdo como

fator de inclusão; 2) Aspectos negativos - Fragilidades na comunicação; e 3) O papel da família ouvinte no diálogo entre filho(a) surdo(a) e profissionais de saúde.

O eixo temático “Descoberta ou (des)conhecimento sobre a surdez do(a) filho(a)” evidenciou que essa revelação sobre a surdez dos(as) filhos(as) se deu (para os participantes desse estudo), através de e observações das próprias famílias a respeito de ausência de marcadores desenvolvimentos de fala/linguagem, originando a categoria “Suspeita do diagnóstico de surdez”. Nela uniu-se as respostas dos participantes que evidenciam os sinais que guiaram as famílias na descoberta do diagnóstico (ou mesmo da percepção de que uma criança é surda) e como isso pode ser uma experiência transformadora para elas. As famílias F1 evidencia tal observação: *“Era estranho, ela não acordava com barulhos fortes daí nós fomos procurar os médicos e ela já tava com um ano e pouquinho”* e a F7: *“ele tinha sim ele tinha uns nove meses quando eu percebi porque eu chamava ele e ele não respondia”*.

A segunda categoria ‘Práticas de saúde para recém-nascidos’ agrupou respostas mostrando que o processo da descoberta da surdez de uma criança deu-se através do acesso aos Serviços de Saúde, com a observação de profissionais e a realização de exames específicos de triagem neonatal. O relato da participante F4 exemplifica: *“Foi numa consulta de rotina, na verdade eu não percebi. Assim, com 23 dias o pediatra percebeu e daí encaminhou para os exames.”* Nesse mesmo sentido, reafirmam as famílias F8 *“[...] foi no hospital mesmo. Eles fizeram né o exame da orelhinha lá e já deu que era surda”* e a família a F6 *“Foi aí antes de eu ter alta, a gente fez o teste do ouvidinho nela com três dias aí ela não escutou nada [...] com 15 dias marcaram o novo teste e já encontrou que ela não escutava mesmo.”*

O segundo eixo temático discorre sobre a ‘Experiência de ter um(a) filho(a) surdo(as)’ do qual originou a categoria ‘Desafios nos cuidados e na comunicação’. Esta trata das repercussões do diagnóstico que, conforme os relatos, quando a família recebe a notícia da surdez do(a) filho(a) isso pode provocar amplas emoções. Surpresas e descrenças são frequentemente as reações iniciais seguidas de um processo de luto, conforme relatam as participantes F4: *“Um susto nesse primeiro momento porque a gente não tinha ninguém na família. Assim tudo diferente... veio a questão da negação, de procurar outro lugar para fazer exame, de procurar o otorrino, aquela função... fazer três exames em três lugares diferentes.”*; e F5: *“A gente sempre se assusta né, É aquela coisa, sempre tem aquela coisa da negação, como um luto.”*

Em relação a categoria ‘Desafios nos cuidados e na comunicação’, as entrevistas evidenciaram que a experiência de ter um filho surdo é única e cheia de desafios. Mas também de grandes aprendizados e oportunidade de crescimento como momentos de superação e vínculos estabelecidos entre os envolvidos, como explica a F4: *“Hoje para mim tá sendo normal [...] lá*

no comecinho antes do Gabriel entrar na escola eu não sabia como cuidar dele.” Os cuidados com uma criança surda envolvem aspectos específicos, bem diferentes dos cuidados com uma criança ouvinte. Conforme diz a F1: “É um cuidado dobrado, né? Assim ficou mais complicado (...) até chegar aqui não foi fácil! (...) Não é igual quem tem uma criança ouvinte, que tu tá fazendo uma coisa e dá um grito, tu fala e ele te responde, sabe? Não, não é! É mais difícil, mas tem que dar mais atenção”.

A partir desta categoria, o estudo parece demonstrar que uma das principais áreas de cuidados e bem-estar é a construção da comunicação, como na resposta da F3 *“É bem diferente, mas nada que a gente não consiga levar né? É importante saber Libras para conversar com meu filho.”* A língua de sinais é uma ferramenta essencial na comunicação com a criança surda, é uma língua espaço-visual que permite uma comunicação efetiva, mesmo na ausência da audição, e uma interação direta de olhares, toques e circunstâncias de diálogos que podem ser desafiadores. É o que registra a fala da F3 *“A criança surda fica te puxando a roupa e tem que parar tudo. Puxar da memória os sinais para falar, para explicar e até tu formalizar uma frase. Demoro bastante. Tenho dificuldades até para entender eles ainda.”* Mesmo com tantos desafios, as famílias superaram as barreiras e, atualmente, veem seus filhos como *“É um presente de Deus porque eu não mudaria nada, não, não, precisaria não!”* (F6).

Para o terceiro eixo “Construção da comunicação entre família ouvinte e filho(a) surdo(a)” emergiram três categorias e a primeira é denominada em ‘Antes da Escola - comunicação emocional e instintiva no cotidiano com o(a) filho(a) surdo(a)’. Esta categoria envolve os conteúdos que tratam do desamparo e das incertezas vivenciadas pelas famílias ouvintes. Conforme relata a F6: *“ela entrava muito em pânico porque ela não me compreendia e eu não compreendia a ela.”* ou a mãe 7: *“Nem sei se tinha comunicação”(F7).* Contudo, algumas encontraram alternativas para as interações como sinais caseiros, sistema alternativo e gestual: *“A gente entendia em sinais caseiros de mostrar ou trazer coisas pq eu não entendia”* (F1).

A segunda categoria, ‘Depois da Escola - Primeiros sinais e diálogos em Libras’, traz à luz a construção efetiva da comunicação e os primeiros diálogos entre os entrevistados. Ao serem questionados sobre a Libras ser uma alternativa para a comunicação a F4 disse: *“Ele fez Libras no centro Marista, ele tinha um aninho quando ele começou [...]ele tinha que se comunicar de alguma maneira né, então a gente sempre quis ofertar as duas línguas para ele assim.”* Nota-se que a comunicação é a base de qualquer relacionamento humano e a relação entre pais e filhos não é diferente. Como disse a F8: *“Bah, sim porque o G. já estudava e aprendeu muito rápido e ensinava a irmã e eu aprendia também né? Tipo água, banheiro, xixi, dor... Quando ela chorava o Gabriel já sabia porque ele tem cinco anos a mais que ela né.”*

A terceira categoria, ‘Fluência do filho(a) surdo(a) - novas alternativas para a comunicação com a família ouvinte’, envolve os conteúdos acerca de como os filhos superaram os pais na fluência da Libras e as implicações disso na comunicação de ambos. Relatos como o da F1: *“quando ela tinha as birras da adolescência eu tinha uma guria que às vezes me ajudava - a Michele da igreja- [...] outras vezes eu levei para orientadora da escola interpretar nossas conversas.”* e da F2 *“É bem difícil às vezes eu fico até com vergonha de conversar com eles (os filhos surdos)”*, evidenciam essa categoria.

O quarto eixo, desta análise de conteúdo foi ‘Motivação para aprender Libras e a escola bilíngue para surdos’ do qual surgiram as seguintes categorias: ‘O desejo de uma comunicação efetiva para o fortalecimento dos laços familiares’ e ‘A busca por uma educação inclusiva’.

A categoria ‘O desejo de uma comunicação efetiva para o fortalecimento dos laços familiares’ reúne informações que se referem à participação dos pais em curso de Libras na escola como um movimento a mais na aproximação pais-filhos(as), como explica a F3: *“[...]não faltou um curso. É uma vez por semana.”* A motivação para aprender a Língua de Sinais oportuniza troca de informações e compreensão mútua, como diz a F4: *“Sim, porque é muito importante. Ela chega contando e eu tenho que saber o que que ela tá me contando porque ela tá me relatando o que acontece.”* Nesse contexto, a participação da família no curso oportuniza o desenvolvimento de diálogo entre os participantes conforme a F5: *“Eu faço os cursos de Libras na escola porque quero aprender e ter como conversar com minha filha.”*

Na categoria, ‘A busca por uma educação inclusiva’ emergiram narrativas a respeito de o porquê transferir o filho de uma escola regular para a escola bilíngue para surdos. Neste contexto, reflete-se que a importância da comunicação eficaz pode ocorrer através de novas estratégias como aprendizagem da língua de sinais e minimizar a exclusão. Como se exemplifica nas falas: *“Ela ficou um ano e meio e não interagiu com as crianças [...] por isso eu procurei a escola especial para surdos.”* (F5) e da F4 *“Ele estava sentindo falta da Libras, ele começou a nos pedir como a gente usava sinais, todo mundo queria conversar com ele, ele pegava as mãos das pessoas para conversar com ele.”*

O último eixo, que se refere a “Comunicação e interdependência nos espaços de saúde”, deu origem a três categorias: ‘Aspectos positivos - Assistência ao surdo como fator de inclusão’; ‘Aspectos negativos - Fragilidades na comunicação’; e ‘O papel da família ouvinte no diálogo entre filho(a) surdo(a) e profissionais de saúde’.

Na categoria ‘Aspectos positivos - Assistência ao surdo como fator de inclusão’ aglutinou-se as respostas que demonstram a importância da língua de sinais nos espaços de saúde como relata a F4: *“No Conceição tem fono, mas aí não é pelo SUS. Pago particular porque*

ela sabe língua de sinais.” Os próximos relatos dos pesquisados evidenciam que a comunicação é fluida, entre paciente e profissionais de saúde, quando usam a Libras nos atendimentos “Quem atendeu ela primeiro foi uma outra fonoaudióloga e daí a outra não tinha língua de sinais. Daí ela (fono) entrou junto no atendimento e fluíu assim super bem, e a recepção da minha filha foi melhor com quem conhecia a sua língua.” (F5).

Para a categoria ‘Aspectos negativos - Fragilidades na comunicação’ reuniu-se as respostas que demonstram como tem sido difíceis as experiências dessas famílias nos atendimentos em serviços de saúde e as implicações da fragilidade na comunicação: *“Complicado! Os pais sentem porque tem aqui no postinho, principalmente a dentista, ela não sabe lidar muito bem com crianças com deficiência auditiva.” (F6).* Nessa perspectiva, completa a F7: *“Meu filho começou a ter convulsões [...] Então toma um montão de remédios. Daí a irmã vê as crises do irmão e pergunta e eu não sei explicar e os médicos não sabem Libras, nem a assistente social, ninguém no hospital e no CRAS.”*

A última categoria ‘O papel da família ouvinte no diálogo entre filho(a) surdo(a) e profissionais de saúde e a decisão de investir em métodos de oralização’ é fruto da análise a respeito das motivações das famílias em investir nos métodos de oralização e quais as orientações pelos profissionais de saúde, bem como o papel de cada grupo familiar na intervenção do diálogo nos atendimentos. Cada entrevistado apresenta uma realidade distinta, há os que não terão ganhos auditivos como é o caso da F7: *“Não, teria porque usar, né?! Porque é zero nos dois.”* Esse participante possui surdez profunda bilateral e o AASI (aparelho de amplificação sonora individual) não foi recomendado. Porém existem crianças, que mesmo estando alfabetizadas em Libras e língua portuguesa, na modalidade escrita, têm benefícios com o uso do aparelho como relata a F8: *“O uso do aparelho para ela aprender a ouvir com este aparelho porque já sabe escrever né e fala também em Libras.”* Nesse mesmo pensamento diz outra participante F6: *“[...]ela tá me cobrando que ela quer escutar. Consultei um médico muito bom, lá no Hospital de Clínicas. Se a gente pudesse eu queria os dois, né!”* (entrevistada se refere ao aparelho auditivo e a parte interna do implante coclear).

Outra análise importante assenta-se no conteúdo da decisão em que as famílias foram submetidas em relação ao IC (implante coclear) como demonstra a fala da F1: *“No tempo da menor, anos atrás, o implante coclear era de graça, mas se desse um problema, tinha que pagar R\$10.000. Também tivemos muito medo e não fizemos.”* Outra família também decidiu por não realizar a cirurgia para o IC, a saber: *“Hospital da Conceição agora que andaram falando em implante coclear, mas daí agora nós não quisemos porque tem criança que nós conhecemos que fizeram que não funcionou. É a mesma coisa, daí achamos melhor assim né.*

(F2). Dentre as famílias que decidiram não aceitar a cirurgia há o relato de duas crianças que assumiram a identidade surda e a luta pela cultura e língua de sinais, são elas: “Perguntaram se ela queria fazer a cirurgia (Implante coclear). Ela não quer e tem aparelho auditivo que ela conseguiu do clínicas, mas não gosta de usar porque diz que é surda.” (F1) e “*Ela abraçou a língua de sinais[...] então aqui o aparelho está guardado porque ela não quer saber de usar.*” (F5).

A pesquisa evidenciou que dentre as participantes, duas decidiram por implante coclear, mas nenhuma seguiu com seus uso, seja por falta de adaptação ou por rejeição, como é o relato da F4 “*A gente resolveu fazer o implante bilateral. Um lado rejeitou e ele ficou só com o implante do lado esquerdo. Com 5 anos ele começou a tirar muito, tirava e jogava longe. Acho que incomodava aquele barulho, não se adaptou e então daí a gente optou por não insistir mais porque era uma coisa que estava incomodando ele*”. A F6 também decidiu por realizar a cirurgia do IC unilateral, mas ocorreu rejeição: “*Aquela do implante do outro ouvido ela não escuta nada porque teve rejeição.*”

Diante de todas as circunstâncias em que envolvem métodos de oralização aceitos ou não por cada grupo familiar, o estudo reuniu argumentos sobre o papel da família ouvinte no diálogo entre filho(a) surdo(a) e profissionais de saúde como mostra o relato da F1 “*Ela faz consulta por neuropediatra. Eu levo no posto, levo no pronto-socorro, na UPA, hospital e não tem médico, não tem enfermeiro, não tem atendimento na frente, ninguém para falar em sinais para atender. Então se a minha filha tivesse mais de 18 anos poderia ir sozinha, não tem como ela ir porque não tem comunicação.*” Para que aconteça comunicação e assistência ao surdo, o papel da família tem sido importante nesse diálogo entre profissionais de saúde e crianças surdas, como diz a F2: “*Nunca encontrei médicos que saibam Libras. Ele (filho surdo) pergunta para a gente as coisas e a gente fala durante as consultas e ele pergunta: - porque não sabem língua de sinais? Fico numa vergonha vendo meu filho perguntando pra eles.*” No entanto, a comunicação nem sempre é efetiva porque as famílias também têm dificuldade na comunicação como relata a F6: “*Porque não tem uma pessoa que tenha Libras no posto de saúde, que saiba lidar com eles que tenha calma, que tenha paciência porque para eles é novidade eles não entenderem que nem eu. Tô fazendo o curso lá na escola mas eu não sei muito, eu sei o básico.*” Nesse diálogo e acompanhamento completa a F1: “*Ela precisa de alguém junto. Igual faz um mês que ela precisou ir para Upa e eu fui com ela eu tive que entrar e ficar com ela lá na sala de enfermeiro para fazer o tratamento a medicação nela eu tive que ficar todos os lugar que ela foi porque eles não sabia falar com ela.*”

Tais questões sugerem a importância da aquisição da Libras por parte de todos os envolvidos, sejam famílias e profissionais atuantes nos espaços de saúde para a promoção de

assistência à saúde ao surdo como fator de inclusão.

7 DISCUSSÃO

Conforme dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil conta com mais de dez milhões de indivíduos apresentando alguma forma de restrição auditiva, sendo que 2,7 milhões enfrentam uma limitação auditiva severa. Destes, 344,2 mil (0,2%) se autodeclararam como surdos (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2022). No entanto, o censo não oferece informações adicionais sobre esses autodeclarados surdos, deixando lacunas quanto ao uso de línguas de sinais, aparelhos auditivos, implantes cocleares ou leitura labial. Esta falta de detalhes destaca a magnitude do desconhecimento que persiste entre a população brasileira em relação aos aspectos abrangentes da surdez

A literatura brasileira destaca autores que influenciaram significativamente o percurso desse grupo, desbravando caminhos antes desconhecidos pela sociedade ouvinte. Esses autores, como Skliar (2005), Quadros Karnopp (2004), Sacks (2007), Rocha (1997), Assis Silva (2012) e Souza (1998), contribuem para fundamentar reflexões nos conceitos de identidade, língua e cultura por meio de teorias robustas. O vínculo de comunicação estabelecido entre os sujeitos surdos configura-se como uma característica essencial, destacada por escritores surdos, a destacar: Strobel (2008), Perlin (2003, 2005), Skliar (1999a, 1999b, 2000, 2005), Assis Silva (2012)

Os textos escritos, como "Histórias de Vida Surdas" (1998), "O Ser e Estar Sendo Surdos: Alteridade, Diferença e Identidade" (2003), "Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História" (2008), "Implante Coclear na Constituição de Sujeitos Surdos" (2010) e "Despertar do Silêncio" (2008), evidenciam uma abordagem abrangente que engloba temas como identidade surda, cultura surda, comunidades surdas, ouvintismo e língua de sinais. Essas obras representam um valioso recurso para compreender a rica complexidade da experiência surda e seu impacto nos domínios da identidade, cultura e língua (SANTOS, 2015). Os autores surdos, contribuem significativamente para a disseminação da cultura e da língua de sinais, além de representar e valorizar as experiências e perspectivas únicas dessa comunidade.

A discussão aprofundada desta pesquisa está apresentada na forma de artigo: "Conexões Sensíveis e Perspectivas Entrelaçadas: da Descoberta à Comunicação, da Alteridade à Experiência Surda nas Relações Parentais Ouvintes". Este artigo, após a aprovação da banca, será encaminhado para publicação na Revista Brasileira de Educação Especial.

Destaca-se nesse manuscrito que dentre os achados das entrevistas, o aprendizado da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelas famílias pode fortalecer os laços familiares, oferecendo

uma experiência única de ter um filho(a) surdo(a), promovendo a construção de uma comunicação fluida. Os dados destacam a complexidade de amenizar as diferenças linguísticas entre surdos e ouvintes porque a divergência nos modos de comunicação, sendo a Língua de Sinais utilizada pelos surdos e a linguagem oral pelos ouvintes, emerge como uma das principais barreiras. Essa disparidade linguística pode prejudicar a compreensão mútua e a eficácia da comunicação entre os dois grupos. Além disso, a falta de familiaridade e compreensão sobre a cultura e as necessidades dos surdos pode resultar em mal-entendidos, estereótipos e preconceitos, exacerbando ainda mais as dificuldades de interação e integração entre as comunidades surda e ouvinte.

É importante explorar possibilidades como o uso de tecnologias digitais e comunicação alternativa para melhorar a interação comunicativa nos espaços escolares e de saúde, bem como reconhecer que os cuidados e as práticas em saúde para surdos, quando baseadas exclusivamente no modelo biológico, podem ser excludentes em suas dinâmicas.

Os resultados da análise do checklist revelam índices baixos nas categorias de Participação e Informação. Isso indica que as famílias têm uma participação limitada na escola, pouco expressando suas opiniões em instâncias como o conselho de classe e participando pouco de reuniões e eventos sociais. Ademais, há um desconhecimento significativo por parte das famílias em relação às necessidades pedagógicas da escola, às estratégias e metodologias de ensino utilizadas e ao projeto político-pedagógico da instituição. Esses resultados sugerem a necessidade de fortalecer a comunicação e o envolvimento das famílias com a escola, a fim de promover uma parceria mais efetiva no processo educativo dos alunos.

8 CONCLUSÃO

No contexto da pesquisa que explora a construção da comunicação na vida cotidiana entre famílias e filhos surdos, a percepção dos pais e responsáveis desempenha um papel fundamental. A descoberta da surdez emerge como um marco nesse processo, muitas vezes resultando de observações atentas e da ausência de desenvolvimento convencional da fala e linguagem. A categoria "Suspeita do diagnóstico de surdez" revela como as famílias interpretam e respondem aos sinais que indicam a surdez de seus filhos, destacando a complexidade dessa jornada. A atenção materna, impulsionada pelo tempo dedicado às crianças, revela-se essencial na identificação precoce de desafios auditivos. No enfrentamento dos desafios, as famílias buscam práticas de saúde específicas para recém-nascidos, ressaltando a importância da detecção precoce. Essa narrativa aborda não apenas os obstáculos, mas também as estratégias adotadas pelas famílias para

estabelecer uma comunicação efetiva, demonstrando a resiliência e dedicação dos pais na promoção do bem-estar e desenvolvimento linguístico de seus filhos surdos.

O relato das famílias ouvintes com filhos surdos sobre a abordagem terapêutica e a interdependência da comunicação nos serviços de saúde revela um cenário complexo. As experiências dos responsáveis destacam a importância crucial de profissionais de saúde que compreendam a língua de sinais, reduzindo barreiras comunicativas. Aspectos positivos são evidenciados quando há assistência alinhada às necessidades dos surdos, promovendo inclusão, equidade e justiça social. Contudo, fragilidades na comunicação, como a falta de intérpretes e orientações para as famílias, ressaltam desafios a serem superados. O papel fundamental das famílias na intermediação do diálogo entre profissionais de saúde e crianças surdas é enfatizado, destacando a necessidade de aprimorar a acessibilidade e compreensão nos espaços de saúde para garantir uma assistência eficaz e inclusiva.

Na perspectiva dos responsáveis, a análise da interdependência entre a abordagem terapêutica e a vivência das famílias participantes revela a complexidade do processo terapêutico e seu impacto nas dinâmicas familiares. A experiência terapêutica transcende o simples diagnóstico e tratamento clínico, abrangendo aspectos emocionais, sociais e práticos da vida cotidiana. As famílias enfrentam desafios específicos, buscando não apenas intervenções eficazes, mas também estratégias que se integrem harmoniosamente à dinâmica familiar. A interdependência entre a abordagem terapêutica e as necessidades familiares destaca a importância de uma visão holística no cuidado, reconhecendo a influência mútua entre os processos terapêuticos e a qualidade de vida das famílias. Nesse contexto, a análise buscou compreender como as estratégias terapêuticas não apenas abordam as necessidades clínicas, mas também promovem a resiliência e a adaptação familiar diante dos desafios impostos pela condição em questão.

Surpreendentemente, os dados do checklist evidenciam pouca pontuação do núcleo familiar em relação às categorias de Participação e Avaliação. Situação que pode sugerir que estes responsáveis não se sentem esclarecidos e seguros ao opinar sobre a escola, observando, além de uma relação hierarquizada, possíveis melhorias valorizadas. Essa colaboração ajuda a avaliar os acontecimentos e projetos desenvolvidos pela instituição, propondo ações de integração e fortalecendo conexões entre família e escola. Por outro lado, traz reflexões de que as famílias confiam nas ações pedagógicas da escola por razões como a presença de profissionais qualificados, que lidam com as necessidades específicas dos alunos surdos. Além disso, a transparência nas ações pedagógicas e os resultados positivos no aprendizado dos alunos aumentam a confiança das famílias. Uma escola que oferece apoio e orientação constantes às famílias promove um ambiente de confiança e parceria.

Para fomentar a participação das famílias nas atividades e projetos socioculturais de uma escola bilíngue para surdos, podem ser adotadas estratégias como a orientação em Libras, por meio de oficinas, para melhorar a comunicação com os filhos. Além disso, a realização de eventos inclusivos em locais como museus e teatros, bem como visitas a outras escolas bilíngues, pode incentivar a participação familiar. O uso de aplicativos e ferramentas digitais para facilitar a comunicação entre a escola e as famílias também é uma opção viável. Estabelecer canais diretos de comunicação, como reuniões regulares e próprios aplicativos acessíveis e manter um ambiente acolhedor e receptivo para receber opiniões e sugestões das famílias são essenciais. A valorização dessas contribuições, com feedback e ações concretas, demonstra o reconhecimento da importância da participação familiar.

O objetivo da escolha de adotar a língua de sinais como cultura e primeira língua, e o português como segunda língua na forma escrita para quem tem diagnóstico de surdez profunda ou não utiliza métodos de oralização é facilitar uma comunicação natural e fluida, permitindo a participação de todos os membros da família. A língua de sinais possibilita uma comunicação bidirecional entre pais e filhos, promovendo interação diária, compartilhamento de informações, sentimentos e experiências. Embora os pais possam inicialmente sentir culpa, negação e tristeza, juntamente com questionamentos sobre a prevenção da perda auditiva, é preciso enfatizar que essas emoções podem evoluir para aceitação, determinação e resiliência ao longo do tempo. A família é reconhecida como a base fundamental da sociedade, e o ambiente familiar desempenha um papel essencial no desenvolvimento da criança. Quando os pais enfrentam desafios, um dos irmãos pode desempenhar um papel de apoio. Os sinais caseiros, únicos para cada família, adaptam-se às preferências e habilidades de comunicação de cada criança surda. Esses sinais caseiros são mais facilmente assimilados pelos pais do que a língua de sinais formal, permitindo-lhes criar gestos simples compreendidos e utilizados pela família; o que por vezes auxilia na comunicação intrafamiliar, mas tornam-se barreiras em contextos externos e sociais.

Por fim, aprender Libras é fundamental para a inclusão dos surdos, promovendo diversidade e respeitando sua cultura. Mas a inclusão não se dá somente com o uso da Libras pelos surdos; e sim a partir de que todos(as) possam se comunicar através desta língua. Na escola, a integração entre família, aluno e instituição é facilitada por estratégias que visam transparência pedagógica e superação de barreiras linguísticas. Na saúde, a conscientização sobre o uso da língua de sinais é essencial para garantir comunicação e respeito. Aplicativos tradutores estão sendo cada vez mais utilizados, enquanto profissionais de emergência devem ser capacitados em LIBRAS para garantir igualdade no atendimento. A falta de serviços de saúde em LIBRAS cria obstáculos para

os surdos, mas profissionais com conhecimentos básicos em língua de sinais podem oferecer suporte cultural e emocional, promovendo um ambiente mais inclusivo.

9 PRODUTO EDUCACIONAL

A partir deste estudo, como produto, foi elaborado um E-book educacional denominado: "Libras: Conectando Vidas". O material será disponibilizado na versão online para a escola e participantes desta pesquisa (Apêndice 7). Este material aborda, de maneira abrangente e sensível, a experiência das famílias que têm filhos surdos. Destina-se não apenas aos familiares, mas também a estudantes e profissionais de saúde interessados na inclusão e compreensão da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também explora a complexidade e a riqueza das interações familiares e sociais, promovendo uma visão mais inclusiva e empática sobre a realidade das pessoas surdas no Brasil.

O propósito principal deste e-book é informar, conscientizar e incentivar a aprendizagem de Libras entre as famílias, ressaltando a importância dessa língua na comunicação e na participação efetiva nos diversos espaços da sociedade. O e-book busca também sensibilizar os leitores sobre a necessidade de inclusão e apoio à comunidade surda, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

Entre os principais tópicos abordados, estão "A População Surda no Brasil e o Impacto da Descoberta Da Surdez na Família Ouvinte", além das estratégias de comunicação utilizadas. Discute-se o "Sujeito Surdo: A Língua e os Impasses" enfrentados, assim como estratégias positivas, incluindo o uso de gestos e sinais caseiros, o aprendizado da língua de sinais e a tecnologia assistiva. A obra também explora a influência da aprendizagem de Libras na família e na inclusão dos surdos, além das relações parentais afetadas pela surdez.

O produto educacional ressalta a importância de Libras para ampliar conexões e promover a inclusão e a diversidade cultural. Enfrenta os desafios complexos na comunicação dos surdos brasileiros e examina a interface da surdez com os contextos de apoio, destacando a importância da escola bilíngue e as abordagens terapêuticas na saúde. Discute a eficácia das terapias para surdos, incluindo comunicação, estratégias de enfrentamento e desenvolvimento da autoconfiança, além da interdependência e interação comunicacional com os serviços de saúde. Também são abordadas as tecnologias para o atendimento ao surdo e a inclusão na emergência, com ênfase no treinamento em Libras para profissionais de resgate e emergência. O e-book reconhece a diversidade linguística em abordagens sensíveis ao implante coclear e enfatiza a conexão e a alteridade.

Na seção dedicada aos "Desafios Complexos na Comunicação dos Surdos Brasileiros", realiza-se uma análise aprofundada dos obstáculos enfrentados cotidianamente por essa

comunidade. Já o capítulo sobre “A Interdependência e Interação Comunicacional com os Serviços de Saúde” examina a relação entre a comunidade surda e os serviços de saúde, identificando áreas passíveis de melhorias e compartilhando as dificuldades da comunidade surda nesse contexto. Ao adentrar nas “Tecnologias para o Atendimento ao Surdo e Implante Coclear”, o e-book explora inovações visando aprimorar a qualidade de vida dos surdos. O último slide sobre “Conexão e Alteridade” reflete sobre a importância da conexão e empatia na construção de uma sociedade inclusiva.

Quanto à apresentação, este e-book será exibido em formato de slides, incorporando imagens evocativas e textos concisos para tornar o conteúdo acessível. O estilo visual será informativo, com uma ênfase clara na transmissão eficaz da mensagem. Ao finalizar a leitura, os leitores serão convidados a engajar-se em um mural interativo chamado “Surdos e famílias Conectad@s: À Jornada de Aprender Libras” que estará disponível na plataforma web com o recurso digital Padlet. É um espaço colaborativo para compartilhar experiências, insights e recursos adicionais.

O Padlet "Surdos e famílias Conectad@s: À Jornada de Aprender Libras em Família" é uma extensão interativa do e-book “Libras: Conectando Vidas”, abordando sete tópicos essenciais. Ele constitui um espaço dinâmico e inclusivo, desde as interações familiares até instituições de ensino bilíngue, acessibilidade, vídeos em Libras, projetos colaborativos e mais. O intuito é proporcionar à comunidade um local para compartilhar conhecimentos, vídeos, materiais educativos e links para recursos relevantes, além de fomentar a troca de perguntas e respostas. Essa interação visa promover o aprendizado da Libras, discutir as dificuldades de comunicação enfrentadas pela comunidade surda e informar sobre o acesso a tradutores e intérpretes.

O Padlet é um ambiente virtual colaborativo projetado para estender discussões e interações relacionadas ao e-book sobre famílias ouvintes com filhos(as) surdos(as). Esse espaço dinâmico busca criar uma comunidade engajada, onde participantes podem compartilhar experiências, insights e recursos adicionais sobre o tema. O principal propósito é envolver ativamente o público-alvo, composto por famílias, estudantes e profissionais de saúde, oferecendo um fórum virtual para debater os temas postados. Busca-se construir uma rede de apoio, promover a troca de conhecimentos e fortalecer a compreensão sobre a relevância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a inclusão de pessoas surdas na sociedade.

A moderação do mural ficará a cargo da mestrande Melissa Leal dos Santos (uma especialista em educação de surdos e professora de Libras), assegurando um ambiente acolhedor e informativo. O acesso será livre para incentivar a participação. A finalidade é sensibilizar sobre a comunicação entre surdos e ouvintes, combater o capacitismo, criar espaços inclusivos, adaptar

materiais didáticos, desencorajar informações falsas e realçar a importância da diversidade e inclusão para promover uma sociedade mais igualitária.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. Projeto Classifica Educação Bilingue para Surdos como Modalidade de Ensino de 17/06/21. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/774138-projeto-classifica-educacao-bilingue-para-surdos-com-o-modalidade-de-ensino/#:~:text=O%20Projeto%20de%20Lei%204909,portugu%C3%AAs%20escrito%20como%20segunda%20%C3%ADngua>. Acesso em 03/01/2024

ALEIXO, F. Fases de aquisição de uma língua de sinais. *Línguas & Letras*, 20, n. 48, 2019.

ARAUJO, L. A. D.; DA COSTA FILHO, W. M. A LEI 13.146/2015 (O estatuto da pessoa com deficiência ou a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência) e sua efetividade. *Direito e Desenvolvimento*, 7, n. 13, p. 12-30, 2016.

ASSIS SILVA, César Augusto de Assis. *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

ATIVIDADE LEGISLATIVA. Senado Federal. Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilingue de surdos. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/norma/34639654?_gl=1*i6nqpm*_ga*MTI2ODUxNDczLjE3MDQyMjc3MjY.*_ga_CW3ZH25XMK*MTcwNDIyNzcyNy4xLjEuMTcwNDIyOTM4My4wLjAuMA. Acesso em 03/01.24.

ATIVIDADE LEGISLATIVA. Senado Federal. Projeto de Lei 6284/2019. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para estabelecer condições de oferta de ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, em todas as etapas e modalidades da educação básica. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/140061>. Acesso em 12/02.22.

AZEVEDO, C. B. D.; GIROTO, C. R. M.; SANTANA, A. P. D. O. PRODUÇÃO CIENTÍFICA NA ÁREA DA SURDEZ: ANÁLISE DOS ARTIGOS PUBLICADOS NA REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PERÍODO DE 1992 A 20131. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 21, p. 459-476, 2015.

BENASSI, C. A. Da Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002. *Revista Diálogos*, p. 22-25, 2014.

BITTENCOURT, Z. Z. L. D. C.; HOEHNE, E. L. Qualidade de vida de familiares de pessoas surdas atendidas em um centro de reabilitação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, p. 1235-1239, 2009.

BRASIL, L. D. D. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, p. 23-23, 2002.

BRITO, A. M. W. D.; DESSEN, M. A. Crianças surdas e suas famílias: um panorama geral. *Psicologia: reflexão e crítica*, 12, p. 429-445, 1999.

CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, p. 71-92, 2014.

CAPPELLINI, M. T. Familiares ouvintes de sujeitos surdos: reflexões sobre suas interações comunicativas. 2019.

CAPPELLINI, M. T.; DOS SANTOS, L. F. As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações. *Revista Educação Especial*, 33, p. 1-23, 2020.

CORREA, A. Legislação sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras). 2019.

CRESWELL, J. W.; CLARK, V. L. P. Pesquisa de Métodos Mistos-: Série Métodos de Pesquisa. Penso Editora, 2015. 8565848418.

CRUZ, C. R. Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio. 2016.

DA SILVA VARGAS, V.; MOSER, D. A. Desenvolvimento cognitivo do surdo e aquisição da Língua de Sinais. *Revista Sinalizar*, 5, 2020.

DARDE, A. O. G. Estudantes surdos não falantes da libras e o atendimento educacional especializado: uma análise das políticas públicas de educação inclusiva. 2018.

DE CARVALHO, M. C. F.; POSSIDÔNIO, V. F.; JOCA, T. T. Visitando o estudo, um estrangeiro em família—revisão de tese. *Research, Society and Development*, 9, n. 11, p. e64891110172-e64891110172, 2020.

DE DIRETRIZES, L. bases da Educação Nacional. Lei 1996.

DE FARIAS, G. M. C. A IMPORTANTE RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE ESCOLAR NA EDUCAÇÃO DOS SURDOS. *Pedagogia*, p. 40-40, 2019.

DE LA TAILLE, Y.; DE OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. *Summus editorial*, 2019. 853231127X.

DE SENA, A. P. R. C.; DEITOS, F. T. H. Programas de orientação a família de crianças surdas: Estudo sobre a realidade brasileira. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 14, n. 1, p. 08-14, 2001.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. In: WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj; DESSEN, Maria Auxiliadora. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados*. 1 ed. Curitiba: Juruá, 2011. cap 7, p.189-202.

DIZEU, L. C. T. D. B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educação & Sociedade*, 26, p. 583-597, 2005.

FALEIRO, W.; FARIAS, M. N.; DA SILVA, L. C. Interação família-escola no desenvolvimento do aluno surdo. *Revista Espaço Pedagógico*, 24, n. 3, p. 596-609, 2017.

FEDERAL, S. Constituição da república federativa do Brasil, 1988. Senado Federal 1998.

FREIRE, P. Introdução aos estudos sobre LIBRAS. 1999.

FURTADO, J. G. A. D. L. RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NA PERCEPÇÃO DOS PAIS COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO SISTEMA REGULAR DE ENSINO. 2021.

GUARINELLO, A. C.; CLAUDIO, D. P.; FESTA, P. S. V. A produção do conhecimento em Fonoaudiologia, Educação e Psicologia acerca da linguagem e da surdez: análise de periódicos. *TUITI: CIÊNCIA E CULTURA*, 4, n. 45, 2012.

IVANOVICH, A. C. F.; GESSER, M. Deficiência e capacitismo: correção dos corpos e produção de sujeitos (a) políticos. *Quaderns de Psicologia*, 22, n. 3, p. e1618-e1618, 2020.

KELMAN, C. A.; SILVA, D. N. H.; DE AMORIM, A. C. F.; MONTEIRO, R. M. G. *et al.* Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. *Linhas Críticas*, 17, n. 33, p. 341-365, 2011.

LAMPRECHT, R. R. Aquisição fonológica do português. Artmed Editora, 2004. 8582710712.

MASUTTI, M. L. Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes. 2007.

MORAES, R.; DO CARMO GALIAZZI, M. Análise textual: discursiva. Editora Unijuí, 2007. 8574296090.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. D. C.; RAMOS, M. G. Aprendentes do aprender: um exercício de análise textual discursiva. 2013.

MOREIRA, P. O fator lingüístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda. *Revista virtual de cultura surda e diversidade*, 2007.

OLIVEIRA, R. G.; SIMIONATO, M. A. W.; NEGRELLI, M. E. D.; MARCON, S. S. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. *Acta Scientiarum. Health Sciences*, 26, n. 1, p. 183-191, 2004.

OLIVEIRA, Y. C. A. D.; CELINO, S. D. D. M.; COSTA, G. M. C. Comunicação como ferramenta essencial para assistência à saúde dos surdos. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 25, p. 307-320, 2015.

PEREIRA, M. C. Reflexões sobre a aquisição da escrita da língua portuguesa por criança surda usuária da Língua Brasileira de Sinais. *Revista Espaço*, Rio de Janeiro, 43, p. 239-263, 2015.

- PERLIN, G. Histórias de vida surda: identidades em questão. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1998.
- PERLIN, G. O ser e estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade. 2003. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003.
- PIMENTA, M. L. FAVERO, M. H. Psicologia do desenvolvimento humano, escolarização e língua de sinais: Algumas reflexões. Revista Espaço, p. 77-83, 2005.
- QUADROS, R.M, KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- RAMOS, D. M.; HAYASHI, M. C. P. I. Balanço das Dissertações e Teses sobre o Tema Educação de Surdos (2010-2014). Revista Brasileira de Educação Especial, 25, p. 117-132, 2019.
- REZENDE, Patrícia Luíza Ferreira. Implante coclear na constituição de sujeitos surdos. 2010. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.
- ROCHA, M. V. D.; FERREIRA, R. C. G. D. S. L. Políticas públicas educacionais inclusivas para surdos e o desenvolvimento democrático do Estado Brasileiro. 2019.
- ROCHA, Solange. Histórico do INES. Revista Espaço: edição comemorativa 140 anos – INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.
- SACKS, Oliver. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SANTANA, A. P. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas. Plexus Editora, 2019. 8585689978.
- SANTOS, Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. Resenha de: [BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.] Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v.6, no. 1, p.383-387, mai. 2012. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>.
- SANTOS, Gilmara Almeida dos. Memória surda: discurso e identidade. 2015. Dissertação de Mestrado.
- SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: Problematizando a Normalidade in SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SOUSA, V. C. A. D. O capacitismo e seus desdobramentos no ambiente escolar. 2021.

SOUZA, Regina Maria de. Que palavra que te falta?: Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STROBEL, Karin lilian. Surdos: vestígios culturais não registrados na história. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2008.

VENDRAMIN, C. Repensando mitos contemporâneos: o Capacitismo. Simpósio Internacional Repensando Mitos Contemporâneos, 2019.

VICENTE, M. C.; DE CASTRO AGUADO, J., a proteção e defesa da pessoa com deficiência: a evolução da legislação até a promulgação da lei 13.146 de 2015 e a garantia do direito à saúde. 93-99.

VILHALVA, Shirley. Despertar do silêncio. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2004.

ANEXO 1 – Instrumento

Questionário 2

Checklist da rotina compartilhada e envolvimento entre família-escola – versão para pais (mãe, pai ou responsável)”, de DESSEN e POLONIA (2009, p.199-202).

Escola: _____ Série(s): _____

Aluno (a): _____ Disciplina(s): _____

Pai, mãe ou responsável: _____

Período de observação:	1º bimestre	2º bimestre
	3º bimestre	4º bimestre

Data do preenchimento: ____/____/____

Responsável pelo preenchimento: _____

Introdução: A sua tarefa consiste em ler atentamente cada um dos itens relacionadas ao acompanhamento escolar do filho e identificar se a atividade faz parte de sua rotina. As suas respostas devem refletir a sua experiência, no bimestre. Caso haja dúvida, leia novamente o item ou entre em contato com a pesquisadora.

ATIVIDADES

sim não

1. Você recebe orientações do professor para desenvolver hábitos de estudo em seu filho.
2. Você recebe orientações do professor para realizar acompanhamento dos conteúdos escolares.
3. Você recebe orientações do professor para acompanhar o processo de avaliação escolar.
4. Você e o professor do seu filho discutem questões relacionadas à formação acadêmica geral.
5. Você participa das aulas assistindo, fazendo palestras ou mesmo apresentando algum assunto.
6. Você oferece ajuda ao professor no desenvolvimento das atividades em sala de aula.
7. Você participa do conselho de classe e da entrega de boletins.
8. Você procura o professor para saber do desenvolvimento escolar do seu filho.
9. Você procura o professor para saber das atividades ocorridas na semana, na escola.
10. Você e o professor conversam sobre as dificuldades que seu filho apresenta na escola.
11. Você e o professor trocam ideias sobre os problemas de aprendizagem da turma do

seu filho.

ATIVIDADES

sim não

12. Você escreve no caderno do seu filho ou envia bilhetes para o professor, identificando as dificuldades na realização das tarefas escolares.
13. Você e o professor conversam sobre o desempenho do professor em sala de aula.
14. Você e o professor conversam sobre as dificuldades da família que afetam o aluno.
15. Você participa das atividades socioculturais da escola sob a orientação do professor.
16. Você oferece ajuda ao professor no planejamento das atividades socioculturais.
17. Você procura a equipe da direção para falar de assuntos pedagógicos (aprendizagem).
18. Você está envolvido em algum projeto desenvolvido pela escola.
19. Você colabora com a escola visitando a casa dos alunos que têm problemas de aprendizagem ou muitas faltas.
20. Você procura, espontaneamente, a direção para participar das várias atividades e projetos da escola.
21. Você, outros pais e a equipe da direção participam de atividades relacionadas à melhoria da escola.
22. Você e a equipe da direção discutem problemas familiares que afetam o seu filho.
23. Você e seu filho planejam a agenda (dias e horários) de estudo.
24. Você acompanha, semanalmente, as tarefas escolares do seu filho.
25. Você estimula seu filho a copiar, ler, escrever ou produzir materiais independentemente das tarefas escolares.
26. Você orienta seu filho quando este tem dificuldades em realizar uma tarefa escolar.
27. O seu filho o procura para falar do desempenho dele na escola.
28. Você lê livros, revistas e jornais para seu filho.
29. Você e o seu filho conversam sobre os conteúdos estudados em sala de aula.
30. Você solicita ao seu filho que mostre os trabalhos produzidos por ele, em sala de aula.
31. Você e seu filho identificam as dificuldades apresentadas por ele na realização das tarefas escolares..
32. Você e seu filho trocam ideias sobre o professor e a dinâmica de sala de aula.
33. Você orienta/monitora as atividades não escolares do seu filho, incluindo assistir à TV e brincadeiras com os colegas..
34. Você e seu filho discutem as maneiras e modos de agir e de se comportar em sala de aula..
35. Você e seu filho trocaram ideias sobre os valores da família e da escola.
36. Você é estimulado pelo seu filho a participar de gincanas e atividades socioculturais.

37. Você e seu filho conversam sobre o dia a dia da escola.
38. Você e seu filho conversam sobre as questões relacionadas ao comportamento e disciplina da turma em sala de aula.

ATIVIDADES

sim não

39. Você e seu filho conversam sobre a importância da escola para um futuro melhor. .
40. Você e outros pais identificam as necessidades pedagógicas da escola.
41. Você e outros pais contribuem para o desenvolvimento das atividades na escola.
42. Você participou da elaboração do projeto político pedagógico da escola.
43. Você acompanha e participa do projeto político pedagógico da escola.
44. Você participa da reunião da Associação de Pais e Mestres e/ou Conselho Escolar. .
45. Você conhece a proposta pedagógica da escola.
46. Você, os professores e a equipe da direção realizam levantamento de interesses e necessidades da escola.
47. Você expressa sua opinião sobre a escola, no conselho de classe.
48. Você, os professores e a equipe da direção discutem os modelos pedagógicos e de avaliação adotados.
49. Você encaminha à equipe da direção e aos professores sugestões de mudança nas atividades da escola (currículo, projeto político pedagógico etc.).
50. Você, a equipe da direção e professores planejam, juntos, eventos socioculturais.
51. Pais, professores, equipe de direção e alunos avaliam os processos pedagógicos e forma de avaliação adotados.
52. Você realiza atividades voluntárias para a escola com a participação dos professores equipes da direção e alunos.
53. Você avalia com outros pais, professores, alunos e direção os projetos socioculturais desenvolvidos pela escola.
54. Você, os professores, a equipe da direção e os alunos avaliam os acontecimentos e projetos desenvolvidos pela escola.

APÊNDICE 1

DADOS SOCIODEMOGRÁFICO

1. Nome do responsável pelo aluno (a): _____
2. Grau de parentesco: () Pai () Mãe () Avô\Avó () irmão\Irmã () outro
3. Idade: _____ 4. Qual a sua profissão? _____
5. Com quem divide os cuidados da criança? _____
6. Até que etapa de escolarização você concluiu?
A () Nenhuma.
B () Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série).
C () Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série).
D () Ensino Médio.
E () Ensino Superior - Graduação.
F () Pós-graduação.
7. Quantas pessoas da sua família moram com você? Considere seus pais, irmãos, cônjuge, filhos e outros parentes que moram na mesma casa com você.
A () Nenhuma.
B () Uma.
C () Duas.
D () Três.
E () Quatro.
F () Cinco.
G () Seis.
H () Sete ou mais.
8. Qual a renda total de sua família, incluindo seus rendimentos?
A () Até 1,5 salário mínimo
B () De 1,5 a 3 salários mínimos
C () De 3 a 4,5 salários mínimos
D () De 4,5 a 6 salários mínimos
E () De 6 a 10 salários mínimos
F () De 10 a 30 salários mínimos
G () Acima de 30 salários mínimos
9. Qual alternativa a seguir melhor descreve sua situação de trabalho?
A () Não estou trabalhando.
B () Trabalho eventualmente.
C () Trabalho até 20 horas semanais.
D () Trabalho de 21 a 39 horas semanais.
E () Trabalho 40 horas semanais ou mais.
10. Fez pré-natal?
11. Conte resumidamente como foi sua gestação:

ANAMNESE E DADOS CLÍNICOS

SOBRE A CRIANÇA:

1. Nome do aluno (a): _____ Idade: _____
2. Ano escolar: _____
3. Seu (ua) reprovou alguma vez? _____
4. Qual idade seu (ua) filho(a) tinha no momento do diagnóstico da surdez? _____
5. Tem outras comorbidades (doenças, transtornos, deficiências, etc.)?
() Sim () Não Se sim, quais? _____
6. Faz uso de medicamentos? Quais? _____
7. Você acha que exista alguma dificuldade emocional? () Sim () Não
Quais?
() Dificuldades sociais, prefere ficar isolado.
() Dificuldades de aprendizagem
() Inquieto e ansioso, está sempre agitado.
() Outras _____
8. Você sabe o que ocasionou a surdez? _____
9. ESPECIALISTAS QUE ATENDEM OU ATENDERAM A CRIANÇA?
() Neurologista () Psicomotricista () Psicólogo () Fonoaudiólogo () Psiquiatra
() Psicopedagoga () Nutricionista () Assistente social
Outros: _____

APÊNDICE 2 - Entrevista

1. Como é para você ter um(a) filho(a) surdo?
2. Como e a partir de quando você percebeu dificuldades de comunicação com seu(sua) filho(a)?
3. Como você recebeu essa informação?
4. Como tem sido, desde então, sua experiência nos atendimentos em serviços de saúde?
5. O que lhe indicaram a fazer nos serviços de saúde?
6. Como são os atendimentos de/para seu(sua) filho(a) nos serviços de saúde (unidade de saúde, hospitais, clínicas, etc)?
7. Pretende investir em métodos de oralização? Quais?
8. Você informou que desde XXX sabe dessa condição da surdez. A aprendizagem de língua de sinais foi uma alternativa para a comunicação?
9. Seu filho já estudou em escola regular? Por que saiu de lá?
10. Por que estudar em uma escola bilíngue?
11. Você participa do curso de Libras que a escola lhe oferece? Por quê?
12. Antes da escola bilíngue, como vocês faziam para se comunicar? E após a aprendizagem da língua de sinais?
13. Há mudanças nesse processo de comunicação ao longo dos anos? Se sim, quais são?

APÊNDICE 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada Comunicação na Vida Cotidiana: Narrativas de famílias ouvintes com filhos surdos sobre interdependência com a abordagem terapêutica na saúde, de autoria de Melissa Leal dos Santos orientada pela Professora Dr^a Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira, vinculadas aos Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA).

A pesquisa consistirá em um estudo qualitativo com a realização de suas etapas através de um questionário semiestruturado, um checklist da rotina compartilhada, ambos impressos e entregues aos responsáveis e uma de entrevista com a pesquisadora, na qual o participante poderá ler e assinar esse termo se houver disponibilidade. Todos os instrumentos abordarão a temática: relação e comunicação vivenciada por famílias ouvintes com filhos surdos e abordagem terapêutica nos atendimentos. Conforme autorização do participante, a entrevista será gravada através de áudio e vídeo.

O objetivo deste estudo é compreender a relação e a comunicação estabelecida entre a família ouvinte e seu filho surdo (a), a rotina compartilhada e o envolvimento família-escola e sua interdependência na abordagem terapêutica experienciada por eles. Os resultados desse estudo subsidiarão a elaboração de um e-book a ser distribuído gratuitamente para a população de famílias ouvintes de filhos(as) surdos(as) e toda comunidade de escolas bilíngues.

A pesquisa envolve riscos mínimos aos participantes, uma vez que será preservado o sigilo das respostas, não havendo a identificação dos mesmos ao longo do estudo. Os benefícios oferecidos são para apresentar informações sobre aquisição da língua de sinais, bilinguismo, bem como promover alternativas que auxiliem no desenvolvimento linguístico, bilíngue e agreguem informações sobre cursos de LIBRAS e Escolas para Surdos. Não haverá custos de nenhuma origem ao participante.

Sua participação é voluntária e você poderá recusar-se a participar ou retirar o seu consentimento, ou ainda descontinuar sua participação se assim o preferir, sem penalização alguma ou sem prejuízo ao seu fazer profissional. Também será disponibilizado sempre que solicitado pelo participante, o acesso ao registro do consentimento.

Quanto à privacidade e confidencialidade da pesquisa, garante-se que em momento algum o nome do participante será divulgado, tão pouco as informações divulgadas permitirão a sua identificação.

Em caso de posteriores dúvidas ou novas perguntas, você poderá entrar em contato com a mestrande, Melissa Leal dos Santos, pelo e-mail: melissa.santos@ufcspa.edu.br, pelo telefone (51) 99831-0255, ou com a Professora Orientadora, Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira, pelo e-mail: luizabs@ufcspa.edu.br. Você ainda poderá entrar em contato com o CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da UFCSPA – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, endereço: Rua Sarmiento Leite, 245, Centro Histórico - POA/RS.

Melissa Leal dos Santos
Braga Silveira

Luiza Maria de Oliveira

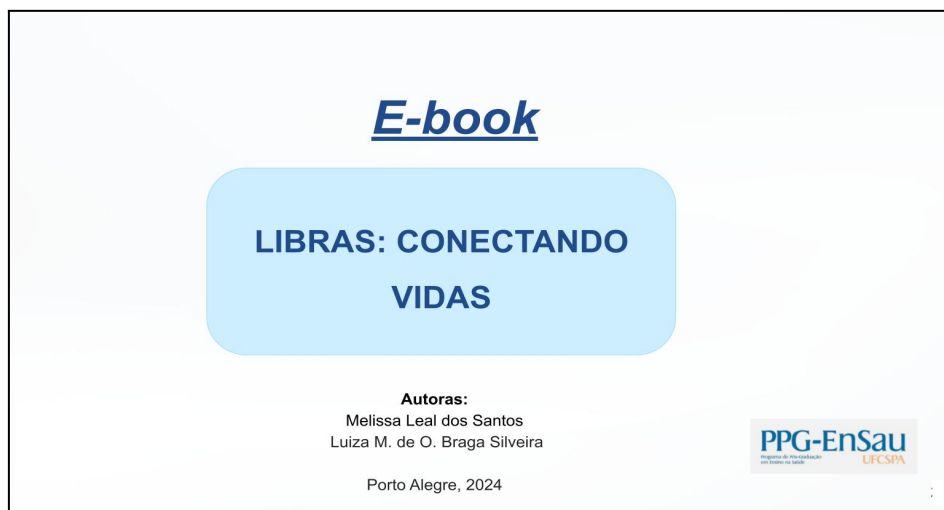
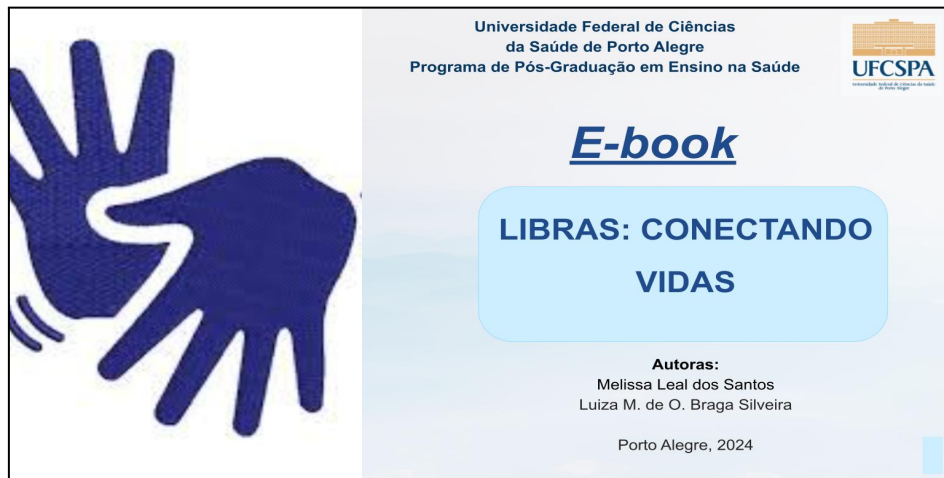
Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e outra será arquivada pelo investigador principal.

- ☐ Sim, autorizo a gravação de minha voz e/ou imagem.
- ☐ Sim, autorizo a divulgação de minha voz e/ou imagem.
- ☐ Não, não autorizo a gravação de minha voz e/ou imagem.
- ☐ Não, não autorizo a divulgação de minha voz e/ou imagem.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2022.

Assinatura do participante da pesquisa

PRODUTO EDUCACIONAL



Descrição Técnica do Produto	
Origem do Produto:	Trabalho de Dissertação intitulado Conexões Sensíveis: Narrativas de famílias ouvintes com filhos(as) surdos(as) sobre interdependência com a abordagem terapêutica na saúde.
Área do Conhecimento:	Ensino
Público Alvo:	Famílias ouvintes com filhos(as) surdos(as), profissionais da saúde e comunidade ouvinte.
Categoria deste produto:	Material didático/instrucional, no formato de E-book, apresentando elementos teóricos, técnicos e metodológicos com ênfase nas narrativas de famílias ouvintes com filhos(as) surdos(as) e na diversidade linguística e cultural da população surda.
Finalidade:	Proporcionar uma abordagem compreensiva e empática às experiências das famílias com filhos surdos, atendendo não apenas aos membros familiares, mas também a estudantes e profissionais da saúde interessados na inclusão e compreensão da Língua Brasileira de Sinais (Libras).
Estruturação do Produto:	Material didático/instrucional com apresentação em slides, imagens evocativas e textos informativos. Após leitura, os leitores são convidados a engajar-se em um espaço colaborativo para compartilhar experiências, insights, um mural interativo chamado "Surdos e famílias Conectad@s: A Jornada de Aprender Libras" que estará disponível na plataforma web com o recurso digital Padlet.
Elementos Pré-textuais:	Apresentação
Pós-textuais:	Referências
Registro do Produto/Ano -	
Avaliação do Produto:	
Disponibilidade:	Irrestrita, preservando-se os direitos autorais bem como a proibição do uso comercial do produto.
Divulgação:	Em formato físico e digital.
Instituições Envolvidas:	Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Prefeitura de Gravataí/Secretaria Municipal de Educação, Escola Bilingue para Surdos.
Idioma:	Português
Cidade:	Porto Alegre
País:	Brasil
Desenvolvido com o programa Google Slides e Canva, versão gratuita.	

SUMÁRIO

• Introdução	05
• A população surda no Brasil.....	06
• O impacto da Descoberta da Surdez na Família Ouvinte e Suas Estratégias de Comunicação.....	07
• O sujeito Surdo a língua e seus impasses.....	08
• Estratégias positivas: Evidências pela pesquisa.....	09
• Quebrando Barreiras: Influência da Aprendizagem de Libras na Família e na Inclusão dos Surdos.....	10
• Surdez e as Relações Parentais.....	11
• Libras: Ampliando Conexões, Promovendo Inclusão e Diversidade Cultural.....	12
• Desafios Complexos na Comunicação dos Surdos Brasileiros: Uma Análise Detalhada.....	13
• Surdos Conectados: Experiências narradas pelas famílias ouvintes.....	14
• Diferenças na Aquisição entre Surdos e Ouvintes.....	15
• A Surdez e a Importância da Escola Bilingue.....	16
• Abordagem terapêutica na Saúde.....	17
• Eficácia da Terapias para Surdos: Comunicação, Estratégias de Enfrentamento e Autoconfiança.....	18
• Interdependência e interação comunicacional com os serviços de saúde.....	19
• Tecnologias para o atendimento ao surdo.....	20
• Inclusão na Emergência: Treinamento em Libras para Profissionais de Resgate e Emergência.....	21
• Abordagem Sensível ao Implante coclear.....	22
• Conexão e Alteridade.....	23
• Próximos passos.....	24
• Referências	25

Introdução

Melissa Leal dos Santos e Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira são autoras deste ebook "LIBRAS: CONECTANDO VIDAS", que é derivado dos resultados da dissertação de mestrado "Conexões Sensíveis: Narrativas de Famílias Ouvintes com Filhos(as) Surdos(as) e os desafios no Ensino e na Saúde" no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde (PPGENSAU) da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSA).

Com uma vasta experiência como professora bilingue para surdos e neuropsicopedagoga, a primeira autora e pesquisadora, atende crianças, jovens e adultos com surdez, deficiência auditiva, autismo, deficiência intelectual e comorbidades, destacando-se na docência bilingue dedicada à inclusão e à melhoria da comunicação em Libras nos espaços familiares, educacionais e em saúde.

A pesquisa por elas realizada apontou que a surdez em algumas crianças, muitas vezes não detectada ao nascer devido à ausência do teste da orelhinha, frequentemente surpreendeu suas famílias, alterando significativamente a dinâmica familiar e trazendo a elas demandas comunicacionais. Além disso, a falta de fluência em Libras nos serviços de saúde cria um cenário desafiador, destacando a necessidade de maior conscientização e acessibilidade para garantir uma assistência inclusiva e eficaz.

Este material também destaca a transição da comunicação das famílias, que inicialmente usam gestos caseiros, depois aprendem Libras, para então construir uma comunicação assertiva. Mas à medida que o(a) filho(a) surdo(a) cresce e se torna fluente em sua primeira língua os entraves comunicacionais reaparecem. Para minimizar, as escolas bilingues, buscam apresentar estratégias que podem ser necessárias para facilitar a integração entre família, aluno e instituição, promovendo transparência pedagógica e superação de barreiras linguísticas.

Este e-book oferece uma **visão acadêmica abrangente e perspicaz sobre questões essenciais relacionadas à comunicação e à inclusão**, sendo uma leitura fundamental para estudantes, profissionais da saúde e educadores interessados em temas como: o impacto da descoberta da surdez na percepção dos pais e responsáveis ouvintes, bem como sua interação com os serviços de educação e saúde.

A população surda no Brasil

segundo o IBGE (2022), a população surda no Brasil é formada por aproximadamente 10 milhões de pessoas. A língua de sinais é considerada a língua principal dos surdos, e a Libras (Língua Brasileira de Sinais) é a língua oficial da comunidade surda brasileira. No entanto, muitas pessoas surdas ainda enfrentam barreiras linguísticas e de acessibilidade em diversos aspectos da vida, como educação, trabalho e saúde.

A Língua de Sinais é uma língua natural usada pelas comunidades surdas para a comunicação. Ela é uma língua visual-gestual, onde as pessoas utilizam gestos, expressões faciais, movimentos corporais e outras formas visuais para se comunicarem. Cada país ou região tem sua própria língua de sinais, com gramática e vocabulário distintos.

5%
DA POPULAÇÃO
BRASILEIRA
APRESENTA SURDEZ

Cerca dez milhões de
pessoas.

O Impacto da Descoberta da Surdez na Família Ouvinte e suas Estratégias de Comunicação

A descoberta da surdez de um filho pode ter um impacto significativo na família ouvinte. Inicialmente, pode haver uma surpresa, tristeza e incerteza sobre o futuro. A família pode enfrentar desafios na comunicação e na adaptação às necessidades do filho(a) surdo(a) (BITTENCOURT; HOEHNE, 2009).

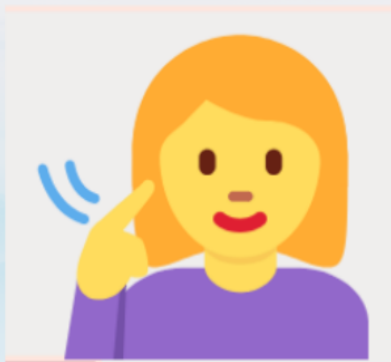
No entanto, muitas famílias encontram maneiras de superar esses desafios e estabelecer estratégias eficazes de comunicação. Alguns pais optam pelo uso de amplificação sonora ou implantes cocleares, enquanto outros procuram escolas bilíngues para matricular seus filhos e aprendem a língua de sinais para se comunicar diretamente com eles, com ou sem métodos de oralização.

É importante que a família ouvinte esteja aberta a novas experiências, aprendizados e a busca de recursos que promovam a inclusão e o bem-estar do(a) filho(a) surdo(a). O apoio emocional, a compreensão e o amor são fundamentais para fortalecer o vínculo familiar e ajudar o filho a prosperar em um ambiente inclusivo.



7

O Sujeito Surdo: A Língua e seus Impasses



A surdez passa a ser vista como diferença e não mais como deficiência, desde os anos noventa no Brasil. Trocas linguísticas e a fluência nas conversações entre surdos e ouvintes contribuem para a naturalidade das relações sociais.

BITTENCOURT E HOEHNE 2019;
DE CARVALHO;
POSSIDÔNIO; JOCA, 2020

8

Estratégias positivas: evidências pela pesquisa

- ◆ **Uso de Gestos e Sinais Caseiros:** Desenvolver gestos e sinais caseiros permite que a família crie uma linguagem visual personalizada para se comunicar com seus filhos(as) surdos (as), adaptada às necessidades e preferências individuais de cada membro da família.
- ◆ **Aprendizado da Língua de Sinais:** A família pode aprender a língua de sinais para estabelecer uma comunicação direta e eficaz com seus filhos(as) surdos(as), promovendo uma compreensão mútua mais profunda e facilitando a interação diária.
- ◆ **Tecnologias Assistivas:** Fazer uso de tecnologias assistivas, como aparelhos auditivos, implantes cocleares e dispositivos de comunicação alternativa e aumentativa, para facilitar ainda mais a comunicação com os filhos(as) surdos(as), proporcionando acesso a sons e ferramentas de comunicação adicionais.

Cada família e criança surda são únicas, portanto, é **essencial adaptar as estratégias de comunicação** às necessidades individuais de cada membro da família, garantindo uma comunicação eficaz e inclusiva.

9

Quebrando Barreiras: Influência da Aprendizagem de Libras na Família e na Inclusão dos Surdos

1 Facilitando a Comunicação Familiar

É comum que muitas famílias não estejam familiarizadas com a Libras, o que, por sua vez, pode resultar em sentimentos de frustração e isolamento para os filhos surdos. A falta de compreensão da língua de sinais pode criar barreiras na comunicação intrafamiliar, tornando essencial abordar essa lacuna para promover um ambiente mais inclusivo.

2 Participação Ativa e Inclusão Social

Quando as famílias se empenham em aprender a Libras, experimentam uma melhoria significativa na qualidade de sua interação com os filhos surdos. Essa aquisição linguística não só contribui para a quebra de barreiras comunicativas, mas também permite que as famílias participem ativamente da vida social dos filhos, promovendo um sentido mais profundo de inclusão e conexão.

3 Vínculo Afetivo Fortalecido

Aprofundar o conhecimento em Libras não é apenas uma ferramenta para superar desafios de comunicação, mas também um meio de fortalecer os laços afetivos entre os surdos e suas famílias, bem como amigos ouvintes. Essa compreensão compartilhada da língua de sinais cria um espaço mais propício para uma comunicação efetiva, contribuindo para relacionamentos mais sólidos e enriquecedores.

10

Surdez e as Relações Parentais

As relações familiares desempenham um papel importante para o processo de adaptação do indivíduo surdo ao mundo.

Estudos sugerem que o vínculo entre os pais, mães e adultos responsáveis por crianças surdas diminui à medida que elas vão crescendo devido às dificuldades de comunicação. Por isso é importante que os pais/responsáveis estejam atentos aos impactos que as barreiras comunicacionais podem ocasionar, tentando minimizá-los.

BRITO; DESSEN, 1999; KELMAN; SILVA; DE AMORIM; MONTEIRO et al., 2011

11

Libras: Ampliando Conexões, Promovendo Inclusão e a Diversidade Cultural

Ao adquirir **conhecimento em Libras**, uma pessoa não apenas amplia sua capacidade de entender, mas também **aprimora sua habilidade de se comunicar** de maneira mais eficaz com a comunidade surda, estabelecendo laços mais sólidos e significativos.

O conhecimento da língua de sinais não apenas representa um passo crucial na jornada pela **inclusão social dos(as) surdos(as)**, mas também contribui para seu **empoderamento**, permitindo uma participação mais ativa em diversos espaços da sociedade.

A aquisição da competência em Libras não só enriquece a experiência linguística dos aprendizes, mas também destaca e valoriza a **riqueza da diversidade linguística e cultural** presente na comunidade surda. Este entendimento aprofundado promove uma apreciação genuína das diferentes formas de expressão e identidade cultural dos surdos.

12

Desafios Complexos na Comunicação dos Surdos Brasileiros: Uma Análise Detalhada

A Complexidade das Barreiras de Comunicação

Uma das barreiras mais preponderantes para os surdos no Brasil é a comunicação prejudicada ou a completa falta de comunicação com os ouvintes, criando um desafio substancial na interação cotidiana.

Desigualdade Linguística e a Valorização da Libras

A língua de sinais brasileira, conhecida como Libras, enfrenta a desigualdade linguística como um idioma minoritário. Frequentemente, é desvalorizada em comparação com o Português, gerando um impacto significativo na comunicação efetiva e no reconhecimento da importância da Libras na sociedade.

Desafios na Interpretação

Erros de interpretação são comuns, com ouvintes frequentemente incapazes de compreender corretamente os sinais em Libras. Essas falhas interpretativas resultam em mal-entendidos frequentes, contribuindo para a criação de barreiras substanciais para a participação social plena dos surdos.

Impacto da Exclusão Cultural

A falta de acesso à língua e à cultura surda pode levar à exclusão social e à marginalização dessa comunidade. A impossibilidade de compreender plenamente a língua e os costumes dos surdos cria uma lacuna significativa na inclusão social, destacando a urgência de abordar essas questões para promover uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

13

Surdos Conectados: Experiências Narradas pelas Famílias Ouvintes



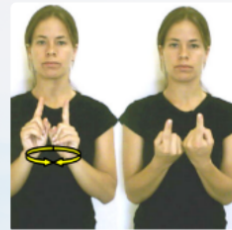
Em Família

Aprendendo a Libras em família, as crianças surdas não precisam se sentir isoladas em seu próprio lar.



Na Sociedade

Aprendendo a língua comum dos surdos, a inclusão social é facilitada em diferentes áreas da vida e espaços sociais.



Em Reuniões

Treinar Libras para interagir em reuniões na escola pode melhorar a comunicação e a aprendizagem dos filhos(as).

14

Diferenças na Aquisição da Língua entre Surdos e Ouvintes

➡ Surdos filhos de pais ouvintes - aquisição tardia da L1 (Libras) e L2 (língua portuguesa na modalidade escrita);

➡ Surdos de filhos de pais surdos - aquisição natural e bilíngue



(ALEIXO, 2019; DIRCEU; CAPORALI, 2005)

15



A Interface da Surdez e os Contextos de Apoio: A Importância da Escola Bilíngue

Mesmo sendo amistosa a interação da família com a escola, para o (a) aluno (a) surdo (a) existem dificuldades na aprendizagem e comunicação entre a tríade família, escola e discente quando o espaço não é bilíngue.

“Quando não há disposição na língua própria, o surdo é como um estrangeiro em seu próprio território.”

(FURTADO, 2021; DE FARIAS, 2019)

16



A Interface da Surdez e os Contextos de Apoio: Abordagens Terapêuticas na Saúde

Visão sócio antropológica -

O sujeito surdo é considerado como diferentes na forma de comunicação, e estimula a aquisição da língua de sinais, sem a necessidade do treino fonoaudiólogo



Visão clínico terapêutica -

Percebe a ausência da audição e foco nos métodos de reabilitação como uso de aparelhos auditivos, os implantes cocleares, as terapias de oralização, leitura labial, dentre outras.

(DARDE, 2018; MOREIRA, 2007; SKLIAR, 2005; GUARINELLO; CLAUDIO & FESTA, 2012)

17

Eficácia das Terapias para Surdos: Comunicação, Estratégias de Enfrentamento e Autoconfiança

Terapia de grupo

As terapias de grupo são eficazes para pessoas surdas, porque permitem que eles se comuniquem com seus pares e obtenham estratégias de enfrentamento mais eficazes.

1

Comunicação Aumentativa

A comunicação aumentativa pode ajudar os pacientes surdos a se comunicar melhor e com mais eficácia em ambientes sociais.

2

3

Terapia individual

A terapia individual realizada por um profissional com fluência em Libras pode ajudar o surdo a expressar seus pensamentos, desejos e angústias; além de desenvolver habilidades de linguagem e autoconfiança.

18

Interdependência e Interação Comunicacional com os Serviços de Saúde

Comunicação com os Médicos

Frequentemente, os serviços de saúde enfrentam desafios ao lidar com pacientes surdos. A utilização de aplicativos que traduz voz para sinais em Libras pode ser instrumental na melhoria dessa questão.

Tradução de Saúde Remota

Diante da crescente demanda por serviços de tradução remota na área de saúde, torna-se viável a participação de um tradutor intérprete de Libras durante o atendimento à pessoa surda.

Abertura de Diálogo

Quando os profissionais de saúde dedicam esforços para se comunicar em Libras com os pacientes surdos, abrem as portas para um diálogo mais completo e efetivo.

A comunicação eficiente e inclusiva garante a autonomia, a confidencialidade e ética no atendimento do(a) usuário(a) surdo(a)

19

Tecnologias para o Atendimento ao Surdo

Incorporar novas tecnologias, como videochamadas, revela-se uma ferramenta valiosa para oferecer serviços de saúde em Libras. A presença de Centrais de Interpretação, já implementadas em alguns municípios, destaca a importância de facilitar a comunicação entre profissionais de saúde e pacientes surdos.

Seguem outras sugestões que podem ser usadas durante um atendimento nos espaços de saúde:

- 1. **VLibras:** O VLibras é um projeto do Governo Federal e pode conter sinais específicos para diferentes regiões do Brasil.
Site: [VLibras](#)
- 1. **LibrasApp:** O LibrasApp é um aplicativo educacional que pode ter informações específicas para diferentes regiões do Brasil.
Site: [LibrasApp](#)
- 1. **Hand Talk:** O Hand Talk oferece tradução automática para Libras e pode incluir sinais específicos para diferentes regiões.
Site: [Hand Talk](#)

20

Inclusão na Emergência: Treinamento em Libras para Profissionais de Resgate e de Emergência

Os programas de treinamento de emergência devem incluir a comunicação em Libras como parte integrante, visando aprimorar a segurança e a assistência eficaz aos pacientes surdos em momentos críticos.

Profissionais de resgate e atendimento de emergência necessitam ser devidamente treinados em Libras, assegurando que os surdos recebam a mesma atenção e cuidado dispensados a qualquer outro paciente. Esse treinamento é essencial para garantir uma resposta rápida e eficiente, contribuindo para a igualdade no atendimento a todas as pessoas, independentemente de sua capacidade auditiva.



21

Conexão e Alteridade



Compromisso Afetuoso

Assumir o compromisso de aprender Libras representa não apenas um ato de generosidade, mas também uma maneira de se aproximar e demonstrar respeito à comunidade surda, estabelecendo pontes significativas de comunicação e valorização de sua identidade.



Campanhas de Sensibilização em Destaque

Iniciativas de sensibilização são fundamentais para promover a aprendizagem da Libras em diversos setores da sociedade. Essas campanhas não só destacam a importância da linguagem de sinais, mas também buscam criar uma conscientização mais ampla sobre a necessidade de inclusão e compreensão das necessidades da comunidade surda.



Alcançando a Inclusão

Ao realizar esforços contínuos, podemos vislumbrar a criação de uma nação inclusiva e acessível. Nesse contexto, a compreensão generalizada da Libras se torna um pilar fundamental para a construção de uma sociedade onde todos possam se comunicar efetivamente, quebrando barreiras e promovendo uma verdadeira inclusão.

22

Próximos passos...

Agora, os leitores são convidados a contribuir em um mural interativo no Padlet, promovendo um espaço colaborativo para compartilhar experiências, insights e recursos adicionais. Acesse o link abaixo ou aponte a câmera de seu celular no QR Code

Link:

<https://padlet.com/profemelissaleal/surdos-conectados-a-jornada-de-aprender-libras-em-fam-lia-in-kijwt50qgn22pjr>



23

REFERÊNCIAS

- ALEXO, F. Fases de aquisição de uma língua de sinais. *Línguas & Letras*, 20, n. 48, 2019.
- BARBOSA, M. C. S. Culturas escolares, culturas de infância e culturas familiares: as socializações e a escolarização no entrelace destas culturas. *Educação & Sociedade*, 28, p. 1059-1083, 2007.
- BEOROW, D. D. V.; SANTOS, D. S.; DE JESUS, M. E. F.; DE CARVALHO BISPO, M. M. et al. A(h) visibilidade do surdo na atenção primária: Relato de experiência. *Revista Brasileira de Saúde Pública*, 42, n. 4, p. 753-762, 2018.
- BENTES, J. A. D. O.; HAYASHI, M. C. P. I. Normalidade, diversidade e alteridade na história do Instituto Nacional de Surdos. *Revista Brasileira de Educação*, 21, p. 851-874, 2016.
- BIGONHO, P. O. Cultura, comunidade e identidade surda: O que querem os surdos. *Minas Gerais: UFJF*, p. 1-18, 2017.
- BRASIL, L. D. D. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, p. 23-23, 2002.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação Geral de Atenção especializada - Manual de Normas técnicas e Rotinas Operacionais do Programa Nacional de Triagem Neonatal/Ministério da Saúde, 2002. Acesso em 05/02/2024. Disponível em: http://bvs.mn.saude.gov.br/bvs/publicacoes/triagem_neonatal.pdf
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Manual de Diretrizes de Atenção da Triagem Auditiva Neonatal. Acesso. Brasília – DF. 2012. Acesso em 05/02/2024 de nível em:
- CAMPELLO, A. R.; REZENDE, P. L. F. Em defesa da escola bilingue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. *Educar em Revista*, p. 71-92, 2014.
- COSTA, P. H. D. O surdo e sua família: uma análise qualitativa a partir dos Determinantes Sociais da Saúde. 2022.
- DA COSTA, P. H.; DE OLIVEIRA, N. L. C.; DA SILVA, D. V. F.; DA SILVA, L. B. et al. Contexto de vida do surdo e de sua família a partir dos determinantes sociais da saúde. *Estação Científica*, 17, n. JUL/DEZ, 2023.
- DA SILVA VARGAS, V.; MOSER, D. A. Desenvolvimento cognitivo do surdo e aquisição da Língua de Sinais. *Revista Sinalizar*, 5, 2020.
- DE FÁTIMA VILELA, A.; MARTINS, R. M. F. AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR CRIANÇAS SURDAS COM PAIS OUVINTES.
- DZEU, L. C. T. D. B.; CAPORELLI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educação & Sociedade*, 26, p. 583-597, 2005.
- PAZ, F. M. ASPECTOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS AO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE PAIS OUVINTES. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*, 6, n. 2, 2021.
- PERLIN, G.; STROBEL, K. Fundamentos da educação de surdos. Florianópolis: UFSC, 2008.
- PERLIN, G. T. T. O surdo e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade. 2003. Dissertação de Mestrado.
- UNESCO, D. D. S. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 2020.
- WIANNA, P. M. Comunicação e interação em libras: os movimentos a partir do Decreto 5626-05 na UF SM. 2015.
- WEIRA, A. C. R. A aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por crianças e surdos nos seus primeiros anos de vida. 2021.
- YNGAUNIS, S. A singularidade da pessoa surda e evidência por meio da comunicação. 2019. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- YUE, A. H. Intervenção bilingue: percepção dos pais quanto a mudanças na comunicação com seus filhos surdos. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

24